

# MULHERIO

Ano VI  
n.º 26  
set/nov 1986  
São Paulo  
Brasil  
Cz\$ 10,00

**NOSSOS MUSOS**

**ISABEL DO CHILE**

**CONSTITUINTE:  
VIVA A DIFERENÇA!**



## Amigas,

Recebemos e agradecemos o n.º 25 do *Mulherio*. Agora, um pedido: após a publicação do Manifesto da MMN — Movimento Masculinista Nordeste — temos recebido muitos pedidos, através da editora e de grupos de sexualidade, para que forneçamos algum endereço para contato com o Marcelo ou algum outro membro do grupo. Não temos atendido por não sabermos localizar o MMN. Se vocês tiverem alguma Caixa Postal ou endereço do MMN para divulgação, por favor nos enviem e passaremos adiante. Obrigada, companheiras, e o abraço de

Leila Miccolis  
Rio de Janeiro-RJ

*Cara Leila, não é só no Rio que o Manifesto Masculinista fez sucesso: em Porto Alegre foi parar na porta do elevador de uma redação de jornal e em Belo Horizonte foi sugerido para debate entre adolescentes em sala de aula. Só que sobre Marcelo Mário de Mello, seu autor, sabemos apenas que é um poeta pernambucano. Assim que tivermos seu endereço, mandamos para você.*

## Ao *Mulherio*:

Que bom que há um jornal para dizer nossas coisas, expressar nossa voz, nossos interesses e lutas. Sou Anna da Casa da Mulher da Zona Leste, estamos apenas engatinhando, mas com muita garra para chegar lá. Participamos de algumas lutas, como Saúde e agora, Saúde da Mulher e conscientização da mulher, em todos os setores sociais. Gosto de escrever embora acredito com alguns erros, pois não tenho curso superior nenhum, minha faculdade é a vida de luta de mulher da periferia. Um beijão.

A todas as Mulheres

Ave mulher/ que sois cheia de graça/ com tuas mãos e palavras/ tens o poder de suavizar a vida/ Ave mulher/ guerreira/ que enfrenta sem medos/ como um desafio/ as asperezas da vida/ Ave mulher/ que com suavidade/ mistura canto, acalanto/ ao adormecer seus filhos/ Ave mulher/ cheia de encanto/ Desconheces a beleza, a força/ e mistérios, deste teu corpo/ e no entanto/ Sois forte geradora de vida.

Anna de Oliveira  
São Paulo. SP

## Ao *Jornal Mulherio*:

Sarah Pinheiro de las Casas morreu em 16 de junho último de câncer. Morava agora em Brasília com o marido, mas viveu no exílio entre Paris e Santiago uns 15 anos. Foi aqui, mãe, enfermeira, cozinheira, tudo enfim para a quase maioria dos exilados em dificuldades. Escreveu dois livros, um antes de vir para cá publicado pela Brasileira sob o título *Atrás do muro-escola*, que saiu depois pela Abril como *As professoras* - excelente retrato do sistema educacional carioca nos subúrbios miseráveis, problemas das professoras, diretoras etc. em suas vidas privadas e profissionais. O outro foi também da Brasileira *A crepna chuva*, literariamente bellissimo, mas tão complexa a exposição de suas ideias nesta ficção histórico-medieval que misturava o Brasil, a Europa e as observações dela (por isso confuso, tenta quase esconder sua denúncia de vida conjugal) que torna a leitura difícil. Outro, inédito, foi recusado pela Brasileira recentemente. Participou do grupo de mulheres latino-americanas em Paris, do jornal *Nosotras*, de grupos de consciência. Voltando ao Brasil, foi mantida no ostracismo por aqueles mesmos que tinha acolhido, devido às divergências políticas entre eles e Roberto, seu marido. Sarah foi também Minha grande amiga. Obrigada.

Danda Prado  
Paris. Franca



**Conselho Editorial:** Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas/SP); Amazonas Alves Lima (psicanalista/SP); Bela Feldman - Bianco Southeastern Massachusetts University, USA); Emir Sader (USP); Fúlvio Rosemberg (Fundação Getúlio Vargas/SP); Heloisa Buarque (Fundação UFRJ); Mariângela (Conselho Municipal, Salvador, BA); Marta (camp/SP); Marta (ta/SP); Mousar (ta/SP).

**Editora:** Inês Castilho, assistente: Maria Lúcia de Barros Medeiros; **Secretaria de Redação:** Perola Paes; **Diagramação:** Sérgio Paes; **Capa:** Criação Walkyria Suleiman e Sérgio Paes. **Foto:** Angela Penteadó. **Comercial-Administrativa:** Zoraide Bertussi; **Financeiro:** Wilson Bekesas.

Colaboraram neste número, além das pessoas que assinam matéria: Ana Linnemann (projeto gráfico), Albertina de Oliveira Costa, Rinaldo Pinheiro, Ricardo Dias, Sandra Barbosa Capelano. **Jornalista Responsável:** Inês Castilho. *Mulherio* é uma publicação do Núcleo de Comunicações *Mulherio*, redação e administração à Rua Cunha Gago, 704, 05421, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 212-9052. **Composição e Impressão:** DCI - Indústria Gráfica S/A., Rua Dr. Almeida Lima, 1.384, Mooca, CEP 03046, São Paulo, SP, fone (011) 948-5088.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte. Contribuem para a publicação deste jornal a Fundação Ford do Brasil, a Evangelisches Missionswerk (Hamburgo, Alemanha) e World Council of Churches (Genebra, Suíça). **Tiragem desta edição:** 7.000 exemplares.



## Respeitando as diferenças

*Mulherio* retoma a partir desta edição um Conselho Editorial fixo, formado por colaboradores que durante um ano terão o papel de conselheiras/os do jornal: fazendo críticas e "dando toques" sobre a linha editorial, indicando temas e avaliando artigos para os próximos números. Os nomes que aparecem aqui são apenas os primeiros deste Conselho.

que deverá incluir ainda outras pessoas — na tentativa de dar a ele uma representatividade tanto nacional quanto de setores sociais e áreas de conhecimento.

Retomamos ainda nesta edição o debate sobre Constituinte iniciado no número 24 — onde foram abordados temas referentes à família, à descriminalização do aborto, aos direitos do corpo e da propriedade da terra — continuando no 25 — com a apresentação de um panorama da mobilização das mulheres em todo o país em torno das principais reivindicações femininas para a nova Constituição. Agora, apresentamos artigos que analisam em profundidade temas polêmicos de nossa vida social: a questão dos negros carentes e abandonados, do aborto em caso de fetos portadores de problemas físicos graves — que deve ser um direito — e tornar-se uma obrigação —, e os problemas vividos pela população indígena brasileira e pelos homossexuais — estes, discutidos por representantes dessas minorias políticas.

Trazemos ainda nesta edição um ensaio sobre o homem como objeto de inspiração poética — das mulheres, é claro; uma entrevista com a escritora chilena Isabel Allende e a mobilização das chilenas — que pedem nossa solidariedade ativa — para derrotar a sangrenta ditadura de Pinochet; uma análise do tratamento que recebem na imprensa as mulheres brasileiras e norte-americanas; muitas notícias sobre o movimento de mulheres, sua produção de filmes, vídeos, livros e publicações, além de resenhas e críticas de alguns dos novos lançamentos de filme e livros. Na última página uma raridade: a recuperação de uma caústica página da precursora feminista Maria Lacerda de Moura, publicada no *Malho* de 1935, apresentada com as ilustrações originais.

Uma boa leitura para vocês...

PONTOS D VENDA

São Paulo - Capital

**Livrarias**  
Art Nouveau - Shopping Center Eldorado  
Art Nouveau - Rua Pamplona, 1.129-A  
Brasiliense - Rua Oscar Freire, 561  
Canto da Prosa - Rua Simão Álvares, 445  
Capitu - Rua Pinheiros, 339

Cortes Editora e Livraria - Rua Bartira, 387  
Da Vila - Rua Fradique Coutinho, 1.140  
La Selva - Aeroporto Congonhas  
La Selva - Aeroporto Cumbica

Litteris - Rua Ignácio Pereira da Rocha, 264  
Litteris - Bar Avenida - Av. Pedroso de Morais, 1.033  
Neon - Pça. Benedito Calixto, 18  
Bancas de Jornais  
João Moura, 795

Simão Álvares, 422-A  
S. Caetano c/ Av. Tiradentes, s/n.º

**Distribuidores Estaduais**

Barretos - SP

Luis Aurélio de Jesus Salles

Av. Três, 1.149 - Tel: (0173) 22.1925

Campinas - SP

Maria Alice Paes

fone (0192) 43-3267 r. 118

Campo Grande - MS

Regina Arakaki

Rua Rui Barbosa, 2.324 -

Centro - tel: (067) 382.0642

Juiz de Fora - MG

Espaço Cultural Livros e Artes

Rua São João, 357 - tel: (032) 211.2029

Porto Alegre - RS

Marco Amaral

Pça. Rui Barbosa, 39 - sala

6 - tel: (0512) 26.9747

Recife - PE

Gê Lisboa Livros Ltda.

Rua Princesa Isabel, 129



## Casamento em revista

Universidade casa com imprensa e gera pânico e revolta.

Cristina Mucci

Em junho deste ano, a revista *Newsweek* deu a seguinte matéria de capa: "Muito tarde para o príncipe encantado". Baseando-se nos resultados de uma pesquisa realizada por cientistas sociais das Universidades de Harvard e Yale sobre as chances de uma mulher com educação superior, uma carreira em ascensão e que chegou aos 30 anos solteira, vir a se casar um dia, a matéria causou verdadeiro pânico entre as mulheres americanas.

Através de uma projeção estatística, tendo por base o censo de 1982, a pesquisa foi publicada com o inocente título de "Padrões de casamento nos Estados Unidos". De acordo com ela, uma mulher branca, de formação universitária, ainda solteira aos 30 anos, tem apenas 20% de chance de chegar ao casamento. Aos 35, as esperanças caem para 5% e aos 40, com apenas 2,6% de possibilidades de encontrar o seu príncipe encantado, "é mais provável que ela venha a morrer num ataque terrorista", afirma a *Newsweek*.

Mesmo alertando para as limitações deste tipo de pesquisa, tanto os autores como a revista tentam passar um recado muito claro para as mulheres, que "ousam" pensar antes em suas carreiras e na independência econômica, deixando para mais tarde a decisão de casar e ter filhos. Ou mesmo escolhendo ter filhos fora do casamento e preferindo viver relações amorosas sem a obrigação de dividir o papel higiênico.

Para elas, o preço a pagar pode ser a eterna solidão e infelicidade, como atesta uma entre as muitas leitoras que escreveram para a revista: "Mais uma vez somos inteiramente responsabilizadas por não atingirmos a felicidade. Para mim, o casamento sempre foi uma das muitas opções na vida e não uma meta a ser atingida". Ou uma outra, mais irônica: "E eu que durante todo o tempo pensei que estava solteira por escolha".

O assunto teve tanta repercussão nos Estados Unidos que o jornal *The Washington Post*, na sua edição de 30/9, publicou matéria contestando os métodos e os resultados da pesquisa de Yale e Harvard. Usando um outro método e baseando-se no censo de 1980, uma técnica do serviço de recenseamento, especializada em estatística familiar, chegou a projeções bem diferentes para as mesmas mulheres. Aos 30, 66% delas se casarão. Aos 35, 41%. Aos 40, 23% e aos 45, 11%.

Mas, ela alerta: "Trata-se de uma projeção e não de predestinação. A pesquisa Harvard/Yale transformou a escolha em chance de se casar ou não." E conclui: "Na verdade, ninguém pode afirmar o que vai acontecer com estas mulheres."

Ainda bem,

Cristina Mucci é jornalista e trabalha como pesquisadora de internacional na revista *Veja*.

Set/Nov/1986



Jaime Freedes

## IMPRENSA

### Mulher não é pauta de jornal

Na política elas não são notícia. Cuidar, a função das mulheres.

Anna Verônica Mautner e Sílvia Campolim

Nós lemos, contamos, recortamos e concluímos: A Mulher é discriminada na imprensa de São Paulo. Veja como: no mês de junho, mês da convenção de quase todos os partidos para escolha dos candidatos às eleições de novembro, várias mulheres saíram em busca de votos pelo Interior, para disputar uma vaga como candidatas. Beth Mendes (deputada federal/PMDB) queria se apresentar como vice-governadora, Eva Blay (ex-presidente do Conselho Estadual da Condição Feminina) como candidata ao Senado; e outras doze mulheres do PMDB e vinte do PT trabalhavam pela indicação à candidatura como deputadas estaduais e federais. O governador Franco Montoro na ocasião recebeu em Palácio as postulantes a cargos políticos do PMDB, e a imprensa compareceu ao encontro. No dia seguinte, nenhuma nota nos jornais informava sobre a reunião. Nenhum segundo da televisão ou do rádio foi gasto com a notícia. A pretensão de Eva Blay ao Senado, confirmada publicamente pelo lançamento de sua candidatura no dia 20 de maio passado, também não mereceu atenção da imprensa. A indignação com o silêncio da mídia impressa e falada sobre as pretensões políticas das mulheres para as eleições/86 nos levou à contagem e constatação de que a mulher é discriminada na imprensa, primeiro, pelo pouco espaço que recebe e, segundo, pela forma como é tratada. Nós lemos a *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde*, entre os dias 2 e 12 de junho e recortamos todas as notícias que tinham, no mínimo, um nome de mulher, nas páginas de política, economia e geral. Nas 20, 30 ou até 40 páginas usadas para este noticiário, encontramos a média de duas menções diárias a mulheres. Nós vimos também como a revista *Contigo* informou sobre a disposição de Beth Mendes de tentar a vice-governança de Quêrcia. A revista saudou a deputada pela iniciativa com duas páginas de matéria, onde Beth Mendes é anunciada como "Uma Panteira no Palácio", com uma bela plataforma: pernas bonitas, "saúde" etc. E ver para crer. Nenhuma pergunta ou informação sobre o programa político da deputada, além da colocação de que ela é bonita

e gostosa - o que, de resto, todo mundo sabe a partir do trabalho de Beth Mendes como atriz.

Não achamos que a mulher é mal tratada ou ausente da imprensa por machismo. É provável que, eventualmente, algumas mulheres sejam vetadas, como os homens são, dependendo dos interesses de cada empresa. Mas temos certeza de que não há nenhuma orientação - oficial ou oficiosa - em qualquer nível, nos jornais e revistas, que mande omitir do noticiário a mulher, sistematicamente. Por isso, gostaríamos que a nossa constatação fosse discutida, de preferência em pequenos grupos para que se evite o risco da fixação de dogmas sobre o assunto. Como contribuição a este debate deixamos aqui uma idéia, que vem muito ligada ao trabalho da Anna Verônica e que supõe a presença de um fenômeno inconsciente coletivo muito forte impedindo a ascensão das mulheres. Um temor do espaço vago deixado pela sua ascensão. O que se teme com isso é o abandono a que as mulheres condenariam a humanidade se deixassem de desempenhar sua função tradicional: cuidar.

É um primeiro pensamento, e pra ficar mais claro, diríamos que o medo não é tanto que as mulheres tomem o lugar dos homens (que seria a simplificação de rotular de atitude machista e acabou), mas sim de que o lugar atual das mulheres fique vazio, ou seja, de diminuam no mundo, em intensidade, os contatos face a face - interpessoais, carinhosos, protetores, quentes - que produzem as boas lembranças da vida e a especificidade humana geradora da civilização.

Tudo parece estar acontecendo como se somente a mulher fosse capaz de gerar a familiaridade, intimidade e privacidade. E se elas se fossem, todas de repente, ao mesmo tempo, ficaríamos em um mundo árido de relações mecânicas e mediadas.

Esta idéia demanda muita reflexão mas é sem dúvida uma primeira sugestão que fazemos para evitar cair na resposta simples de que a mulher está ausente porque os jornais e jornalistas são machistas.

Anna Verônica Mautner é psicanalista e Sílvia Campolim, jornalista.

## ENTREVISTA

# A escritora que nasceu do exílio

**S**eu primeiro romance, *A casa dos espíritos*, é dedicado às mulheres e nasceu da solidão e do sofrimento do exílio. Em recente visita ao Brasil para o lançamento de *De amor e de sombra*,



seu segundo livro, Isabel Allende visitou São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro, onde concedeu entrevista exclusiva ao *Mulherio*. Com seu talento literário e profundo compromisso com a libertação de seu país, o Chile, Isabel revela aqui uma grande paixão pelo continente latino-americano e suas mulheres encantadas.

**Cristina Serra**

A chilena Isabel Allende nasceu em Lima a 2 de agosto de 1942. Por mera casualidade, pois seus pais, diplomatas chilenos, representavam seu país no Peru. Na verdade, Isabel é tão chilena quanto seus avós, tios e pais. Quando tinha dois anos, a família voltou para o Chile e aí Isabel viveu toda a sua vida, até partir em 1976 num auto-exílio para a Venezuela, com o marido e o casal de filhos. Motivo: o terror que se implantou no Chile com o golpe militar que em 1973 depôs e assassinou o presidente Salvador Allende, seu tio.

Antes do exílio e da fama internacional que lhe trouxe seu primeiro livro, Isabel exerceu várias atividades profissionais. Começou no jornalismo aos 24 anos, escrevendo para a revis-

ta Paula, uma similar da *Cláudia* brasileira. Trabalhou em programas femininos para televisão e cinema escrevendo sobre comida, horóscopo, moda e comportamento. Escreveu quatro peças para teatro que tiveram muito sucesso — começando em 1971 com *O embaixador* — mas que seu rigor crítico considera apenas ruins.

Foi o exílio que tirou Isabel das páginas dos jornais de moda e a conduziu para uma literatura de forte envolvimento social. Trabalhava como funcionária do setor de contabilidade de uma escola em Caracas quando publicou o romance *A casa dos espíritos* — escrito à noite, depois de até 12 horas de trabalho. Após sucessivas negativas de editoras venezuelanas, ela enviou as quase 500 laudas datilografadas

para a agente literária Carmem Baucells em Barcelona, na Espanha, que o publicou pela coleção *Plaza Y Janes* e o transformou em best seller.

*A casa dos espíritos* foi editado em vários países de língua espanhola e também na Alemanha, França e Estados Unidos, onde os editores pagaram 600 mil dólares pelos direitos de publicação em edições de bolso. No Brasil já vendeu 200 mil exemplares, desde o seu lançamento em 84.

Liberta a veia da literatura, Isabel não parou mais. Seu segundo romance, *De amor e de sombra*, foi lançado aqui durante a Bienal Internacional do Livro (São Paulo, 21 a 31 de agosto) com a presença da autora e promete repetir o êxito anterior: já vendeu cerca de 80 mil exemplares.



Marcos B. de Oliveira

**"Creio que esta é a maior revolução da história da humanidade: a mudança da condição da mulher neste século."**



posição, tudo, até como se faz uma autópsia eu tive que aprender para poder escrever uma linha da história. Tudo isso requer muito tempo de trabalho.

*Você já tem outro projeto encaminhado, outro livro para publicar?*

Estou escrevendo outro livro, mas ainda não está terminado. Está como que congelado. Estou esperando voltar a Caracas para retomá-lo e creio que até o fim do ano estará pronto. É a história de uma mulher, trata dos problemas das mulheres neste continente. Mas não é o que se poderia chamar um livro feminista. Pelo menos não é o que eu pretendo fazer. Eu não sirvo para escrever documentos. Não posso escrever um documento político, social ou feminista. Sou muito ruim nisso.

*Seus personagens femininos são mulheres muito fortes e todas elas têm um pé na realidade e outro numa dimensão meio encantada, meio mística. Você dá um tratamento especial para elas?*

Não conscientemente. Eu trabalho sempre com mulheres e para mulheres. Como jornalista trabalhei numa revista feminina, depois com os primeiros movimentos feministas que surgiram no Chile, e fiz programas de

televisão para mulheres. Estou muito em contato com as mulheres, eu as conheço muito bem. Na minha família há um linhagem de mulheres fortes. Em geral, na América Latina, nos países que não são desenvolvidos, a mulher é educada de uma maneira diferente do homem. De uma maneira mais limitada em alguns aspectos e muito mais ampla, em outros. A mulher está permitida toda a sua emoção, toda a sua sensibilidade, que no homem está mutilada. A mulher cresce e se desenvolve num mundo em contato com a imaginação, a intuição, a religião, a superstição e muitas outras coisas espirituais que aos homens não estão permitidas como às mulheres. Por isso, naturalmente, quando trato um personagem feminino toco a parte da emoção.

*Você é supersticiosa?*

Um pouquinho. Não muito, mas um pouquinho (dá duas pancadinhas no braço da cadeira).

*Você falou certa vez que tem uma espécie de comunicação telepática com sua mãe. Como é isso?*

Minha mãe e eu tínhamos com minha avó e eu também tenho com minha mãe. Eu creio que isto seja pura sugestão, superstição. Não creio que seja nada de verdade. Mas se funcio-

na, por que não aplicá-lo? Minha mãe e eu, todos os dias à noite, à mesma hora, fazemos força para nos comunicarmos através do pensamento. Às vezes funciona, às vezes não, mas tratamos de nos comunicar. Nós duas estamos muito próximas, muito ligadas. Às vezes me ocorrem coisas que mamãe adivinha no Chile antes que eu lhe conte. Ela sente certas coisas quase simultaneamente ao momento em que estão acontecendo. Muitas vezes sinto que há algo acontecendo com ela, telefone e de fato está. Minha avó morreu quando eu era muito pequena, mas mantive viva a recordação dela. Cada vez que tenho necessidade de qualquer coisa penso nela. Minha avó tinha muito humor, ria muito, era muito alegre e irônica. Quando me encontro numa situação difícil, uma situação que dá raiva ou que é muito violenta para mim, sempre penso nela e me vem esse sentido de humor, de rir-me do ridículo. Eu sinto que é minha avó que me manda isso. Dela eu tenho apenas um espelho de prata e sempre viajo com ele. Penso que se não estou com o espelho, minha avó não está comigo. A única vez que não o levei numa viagem, quando me dei conta, voltei noutra avião para buscá-lo.

*Como escritora, você acredita que existe uma literatura feminina que se distinga da literatura masculina?*

É muito difícil responder esta pergunta. Eu não aceito que a literatura tenha sexo. Quando você pega um livro, não importa se o autor é homem ou mulher. As palavras são as mesmas, a linguagem é a mesma. A história tem que ser bem contada. De todas as maneiras, por um homem ou por uma mulher, tem que ser bem contada. No entanto, há uma visão de mundo, uma maneira de ver o mundo, que está condicionada pela pessoa que escreve. Se é mulher ou homem, tens uma visão de mundo por tua experiência de vida que é diferente. O mesmo ocorre se é pobre ou rico, negro ou branco, jovem ou velho.

Nos meus livros, por exemplo, eu tenho notado que nunca toco no tema do dinheiro, da ambição, porque é um tema que não me interessa. Se a pessoa ganha ou não ganha dinheiro, a mim não importa nada. Ao contrário, me importa muito o amor. Pode ser que para um homem que esteja brigando para ter mais dinheiro, isto seja o mais importante. Nos best sellers norte-americanos, Dinastia, Dallas etc., a luta pelo poder econômico está sempre presente, porque é muito importante nesta cultura. Para a nossa não é.

Meus temas são a mulher e o amor à liberdade. E o amor entre as pessoas, mas não somente o amor entre os casais, o amor de homens e mulheres, há muitas formas de amor e todas as formas de amor me interessam. E um tema que sempre está presente, infelizmente, é o tema da violência, porque nós vivemos num continente muito violento. A violência está sempre presente na nossa vida, em diferentes formas. Às vezes na forma de uma ditadura militar como no Chile. Mas há muitas outras formas de violência e a primeira, creio eu, é a pobreza, a miséria. Esta é uma forma de violência sempre presente.

*Como foi para publicar o primeiro livro? Você teve muitas dificuldades?*

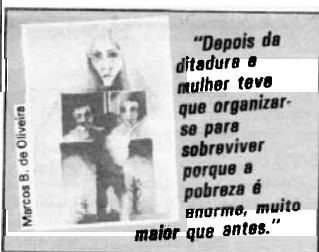
que necessito para pôr no livro. Em *De amor e de sombra* passei dois anos na pesquisa de todo o material. Depois converti em ficção, mas está baseado em um conhecimento muito profundo do que ocorreu na realidade. Eu sei as balas que usaram, a geografia do lugar, onde encontraram os cadáveres, em que estado de decom-

Foi difícil porque foi meu primeiro livro, é um livro grande e ninguém me conhecia. Eu o ofereci em algumas editoras na Venezuela e o livro foi rejeitado. Então, eu o enviei pelo correio a uma agente literária na Espanha. Ela gostou imediatamente do livro e em seis meses ele estava traduzido e editado. O livro cresceu, não sei como, mas o livro cresceu muito rápido. Infelizmente não é isso o que acontece com as escritoras na América Latina, ou pelo menos com a maioria delas.

No campo dos direitos autorais você teve algum problema, por exemplo, de receber abaixo do mercado pelo fato de ser mulher?

Se eu trabalhasse diretamente com as editoras a situação seria outra. Mas tenho a melhor agente literária do mundo e ela luta por mim. Ela não aceita nenhum tipo de discriminação.

Você se sentiu discriminada pelos críticos e por escritores homens?



"Depois da ditadura a mulher teve que organizar-se para sobreviver porque a pobreza é enorme, muito maior que antes."

Na América Latina, sim. Foi necessário ter êxito na Europa, para ter reconhecimento aqui. Se tivesse começado aqui, sinto que não teria sido a mesma coisa. Há escritoras excelentes na Argentina, no Brasil, no México, que não são conhecidas fora do seu país porque não são traduzidas nem distribuídas. O mais grave porém é que os críticos não falam delas. Você abre as páginas culturais de um jornal e vê que há uma página inteira

dedicada a um rapaz de 19 anos que publicou suas primeiras poesias. No entanto, nunca vê nada publicado sobre Clarice Lispector, por exemplo, ou sobre escritoras argentinas, algumas excelentes. Simplesmente não se comenta ou se comenta muito pouco.

O que você acha que pode ser feito para reverter esta perspectiva de indiferença a que são relegadas as escritoras na América Latina? Você acha que haveria uma saída coletiva para isso, já que o seu caso é uma exceção?

Eu creio que há um trabalho a ser feito pelas jornalistas. Felizmente há cada vez mais mulheres jornalistas, então cada vez mais há espaço para que se fale sobre o trabalho das mulheres que estão no cinema, no teatro, na música e na literatura. Aqui no Brasil eu tive uma experiência muito especial. Eu diria que 80% das entrevistas que dei foram para jornalistas mulheres. Eu penso que isso abre um caminho muito importante.

O cineasta Miguel Littin fez há pouco tempo o filme *Actas del Chile clandestinamente no Chile*. Disse numa entrevista que ficou impressionado com a participação das mulheres no movimento de resistência à ditadura. Você acompanha esse processo?

Sim, sim, acompanho. A mulher sempre foi muito forte no Chile. O Chile é um país comprimido e estreito, onde há muita pobreza e muita dificuldade para encontrar trabalho. Os homens viajam por todo o Chile buscando trabalho. O mesmo homem trabalha um ano nas minas ao norte, e no ano seguinte vai para os campos do sul ou para a costa trabalhar como pescador. Ele está sempre mudando de trabalho e de lugar. A mulher sempre fica no mesmo lugar com seus filhos e tem filhos de diferentes homens. Ela é o centro da família, o pilar, e está acostumada a trabalhar



"Quase todos os dirigentes nas povoações do Chile hoje são mulheres."

sempre muito duramente para manter os seus filhos.

Depois da ditadura a mulher teve que organizar-se para sobreviver porque a pobreza é enorme, muito maior que antes. A pobreza se somam a repressão, a violência e o terrorismo dos militares. Então, as mulheres se juntam ao redor das panelas comuns nos bairros pobres — as poblaciones — e isso não é apenas para comer. A panela comum significa uma organização social e política de base, de onde a mulher dirige. Quase todos os dirigentes nas povoações do Chile hoje são mulheres. Eu creio que este é um terreno que a mulher conquistou e quando voltar a democracia estas organizações femininas vão continuar muito fortes.

Você se auto-exilou do Chile algum tempo depois do golpe que derrubou seu tio, Salvador Allende. Você poderia voltar ao Chile se quisesse, hoje?

Há uma lista de cinco mil pessoas que não podem voltar e eu posso porque não estou na lista. Em teoria posso voltar, mas no Chile estão acontecendo coisas horríveis. Há 11 anos venho falando contra a ditadura, escrevendo e trabalhando contra

a ditadura. Então, tenho medo de regressar. Por outro lado, enquanto existir um só chileno que não possa regressar ao seu país, eu me solidarizo com ele e acho que estou numa posição que me permite denunciar o que acontece no Chile e é muito importante estar fora para poder fazer isso.

Então, a sua literatura é também um instrumento de denúncia sobre o que acontece no Chile?

Sim, mas não apenas no Chile porque nunca mencionei em meus livros a palavra Chile. Eu conto histórias que acontecem neste continente. Estas histórias podem ter acontecido no Brasil, na Argentina, no Uruguai, em qualquer país que haja sofrido uma ditadura.

Seus livros são publicados no Chile?

Não são publicados, mas são vendidos nas livrarias, circulam abertamente. A princípio não era assim, circulavam cópias xerox dos livros. No Chile não há censura para os livros porque são muito caros, você não pode comprar nada. Essa situação começou com a ditadura. Na época de Allende havia uma editora, chamada Quimantú, que publicava todos os livros da literatura universal em papel jornal. Eram muito baratos e todo mundo podia comprá-los quase pelo mesmo preço de um jornal. As pessoas começaram a formar sua biblioteca. Claro que de má qualidade gráfica, os livros eram feios, mas eram livros.

Como era sua relação com o presidente Allende?

Apenas familiar. Ele era primo de meu pai e meu padrinho, numa família muito pequena. Éramos todos muito próximos. Depois do golpe militar a família Allende se separou. Os que não morreram foram para diferentes países e poucas vezes podemos nos encontrar. Por essas coisas tão estranhas, hoje encontrei, neste

Em agosto do ano passado, por ocasião do III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, realizado em Bertioiga, SP, as mulheres chilenas fizeram um apelo: "As exiladas, as presas políticas, as desaparecidas, as esquecidas, as torturadas, as violentadas e as assassinadas reclamam sua solidariedade." Em setembro último, triste comemoração dos 13 anos de ditadura do general Augusto Pinochet no Chile, uma comissão de cinco mulheres da FAM — Frente Ampla de Mulheres — ocupou a embaixada brasileira em Santiago para fazer o mesmo apelo ao governo brasileiro: "solidariedade para salvar o Chile da guerra civil". Dois meses antes, no início de julho, esteve presa a representante das organizações femininas na Assembléia da Cívildade, a feminista e socialista Maria Antonieta Saa, por quem mulheres de vários países protestaram à ditadura chilena.

Estes são apenas os exemplos mais recentes dos apelos das mulheres chilenas, sob efeito da arbitrariedade e violência militar 25% dos presos políticos da ditadura eram mulheres; muitas delas foram assassinadas, torturadas, humilhadas; muitas desapareceram, outras tiveram que exilar-se. Elas foram afetadas também em seus papéis específicos: como mães, esposas e filhas de muitos dos perseguidos, tiveram que enfrentar a re-

## Mulheres chilenas, anônimas guerreiras

pentina destruição da família e tentar suprir do melhor modo possível a falta do trabalho remunerado masculino. Finalmente, lhes foram negados direitos conseguidos antes de 1973: a supressão das garantias da maternidade, o aumento das demissões da mão-de-obra feminina e a liquidação dos sistemas sociais de saúde e atenção materna são mostras deste retrocesso.

A reação das mulheres chilenas começa desde o dia do golpe militar e vai se intensificando com o tempo, na medida em que se torna também mais massiva e aberta a luta pela democracia. Primeiro foi a defesa dos direitos humanos e dos perseguidos: as longas filas diante do Estádio Nacional, compostas principalmente por mulheres, foram dando lugar a

Viviana Erazo, feminista, membro do ILET (Instituto Latino-americano de Estudos Transacionais) e uma das responsáveis pela publicação *MUCADA* de morte pela Acción Chilena Anticomunista (ACHA), grupo terrorista responsável por várias mortes que vem agindo impunemente no país.

Nosso protesto pode ajudar a salvar a vida de Viviana. Escrevam ou telegrafem para o Ministério do Interior do Chile, Palácio de La Moneda, Santiago, Chile, denunciando mais esta violência da ditadura Pinochet.

um trabalho mais orgânico dos familiares de presos, à formação da Associação de Familiares dos Desaparecidos, ao trabalho nos "Comedores" Populares e a tantas outras iniciativas realizadas com participação preponderantemente feminina.

A isso seguiram-se as mobilizações de massa — sendo a primeira a do 8 de março de 1975 — e uma série de outras iniciativas: é assim que se formam grupos cujo objetivo é dar solidariedade e assistência permanente aos afetados pela ditadura; outros, para discutir e estudar em círculos os problemas da mulher. Mais tarde, e na raiz da política econômica do fascismo, as mulheres se agrupam

em frentes de trabalho para reivindicar a manutenção dos direitos conseguidos com anos de luta. Operárias, camponesas e profissionais se reorganizam e lutam por frentes de trabalho. Finalmente, começam a organizar-se também as "pobladoras", donas-de-casa de periferia, cuja participação é mais difícil na medida em que pela natureza de suas funções ficam relegadas ao âmbito estreito da família.

Fora do Chile, as exiladas continuaram trabalhando pela democracia em seu país e continente. Um exemplo é Isabel Letelier, viúva de Orlando Letelier, embaixador do governo Allende nos EUA, assassinado em Washington em 76, que desde então vem trabalhando no "Projeto de Mulheres do Terceiro Mundo" do Institute for Policy Studies, levando mulheres desses países para falar às norte-americanas.

No Brasil, começam as pressões para o rompimento de relações diplomáticas com o Chile, encaminhadas através dos deputados federais Flávio Bierrembach (PMDB/SP) e Plínio de Arruda Sampaio (PT/SP). Reunidos na Câmara Municipal de São Paulo no último dia 13 de outubro, a Associação Brasileira Chilena da Amizade e a Comissão Exterior da Central Única de Trabalhadores do Chile voltaram a pedir a solidariedade ativa do povo brasileiro.

mesmo hotel, a viúva de Salvador Allende, Hortênsia, e sua filha Isabel. Há dois anos não nos víamos. Foi emocionante.

**O que você fazia quando houve o golpe que derrubou o governo Allende? Como era sua vida nesse período?**

Eu já trabalhava como jornalista e depois do golpe militar continuei trabalhando, até o dia em que tive que deixar meu trabalho porque a situação estava ficando cada vez mais difícil. Não no plano econômico, mas o medo aumentava cada dia. Tínhamos muito medo e um dia, eu e meu marido decidimos que não queríamos mais viver com medo. Medo é uma coisa que se mete tão dentro da gente que começa a nos transformar, a fazer com que mudemos as nossas atitudes. Você deixa de ser a pessoa que era antes. Então dissemos: não, já basta! Estendemos um mapa do mundo para ver aonde ir, buscando uma democracia. Assim chegamos à Venezuela.



JM JM

Até sair do Chile, em 1975, eu dizia

500



vêm pelo continente. E cada vez mais encontro gente que diz: "Sou latino-americano". Quando vou à Europa muito raramente alguém me diz "sou equatoriano", "sou peruano". Me dizem: "Olá, eu sou latino-americano".

**Você que lida muito com mulheres, que viaja muito, o que acha da relação homem/mulher na América Latina? O que mudou nestes últimos anos?**

As coisas estão mudando em todo o mundo. Eu creio que esta é a maior revolução da história da humanidade: a mudança da condição da mulher neste século. Mas ainda há um enorme caminho pela frente. O machismo cedeu, já não é o mesmo nas classes sociais que têm acesso à cultura, à educação, à saúde. Mas nas classes marginalizadas, entre os operários, entre os camponeses, nas grandes massas indígenas deste continente, o machismo é o mesmo há séculos. Somente uma classe privilegiada das cidades experimenta as mudanças. É muito importante que as mulheres que têm o privilégio de viver essa mudança possa estendê-la e divulgá-la. E o que está sendo feito e o machismo está cedendo terreno muito rapidamente.

econômica para todo o continente. Também o problema do militarismo só pode ser resolvido a nível continental.

Há uma coisa que tem ocorrido recentemente, que é como uma espé-

**Que perspectiva você vê para o seu país, já que o general Pinochet endurece cada vez mais e a oposição cresce?**

Bem, Pinochet endurece porque a oposição cresce. É uma reação. O regime está cada vez mais débil, portanto tem que exercer mais força e mais violência para sustentar-se. Por sua vez isso provoca uma reação maior da oposição. Por isso sou muito otimista. Penso que a oposição já não vai mais parar. Ela cresce, se multiplica, se organiza e perdeu o medo. As pessoas saem às ruas, os estudantes lutam nas ruas. Minha mãe tem 65 anos, é uma senhora burguesa de classe média, que sempre viveu muito cômoda. Hoje minha mãe calça ténis Adidas e vai para as ruas lutar contra os soldados. É uma senhora de 65 anos! Imagine como estão os estudantes, os desempregados, a gente das populações marginais.

Eu creio que o que vai derrubar Pinochet é a reação do povo chileno, primeiro. Segundo, é a volta à democracia que está havendo em todo o continente. Isso faz com que os militares chilenos se sintam isolados, já não estão tão fortes. Além disso há a mudança da política dos Estados Unidos. Os Estados Unidos contribuíram para a derrubada de Allende e para a implantação de uma junta militar no Chile; apoiaram abertamente a ditadura todos estes anos, com armas, com créditos, espionagem, ajuda de todo o tipo. Mas ao ver que a oposição cresce e se faz cada vez mais radical no Chile, o governo dos Estados Unidos teme uma sandinização do processo e que o Chile se torne outra Nicarágua. Então, eles preferem uma mudança para a democracia, qualquer mudança para a democracia, querem tirar Pinochet antes que aumente a violência. Isso também contribui, mas o fator principal é que o povo chileno se pôs de pé.

Cristina Serra é jornalista, da cursal do Rio de Janeiro do *Retrato do Brasil*.

## Três Mulheres

Três grandes mulheres haviam marcado — antes de Isabel Allende — a vida cultural chilena, espelhando, de formas distintas, a rebelde resignação com que a cultura indígena — mapuche, no caso do Chile — impregnou o espírito andino. Um país assinalado pela tragédia, onde grande parte de seus personagens notáveis optou pelo suicídio: o presidente Balmaceda, refugiado na embaixada dos Estados Unidos, destituído pelo Parlamento, fortemente influenciado ainda pelos interesses ingleses; Luis Emilio Recabarren, um dos pioneiros do marxismo latino-americano, fundador dos partidos comunistas argentino e chileno, depois de haver sido posto em minoria neste último, em seu processo de estalinização.

Destino trágico também o da família Allende, a que pertence a própria Isabel: seu tio Salvador, morto no Palácio da Moneda, resistindo, de arma na mão contra o golpe militar de Pinochet; sua prima Beatriz, filha de Salvador, levada ao suicídio por um processo psíquico produto de ter aceito as ordens do pai e se retirado, grávida do palácio, minutos antes do bombardeio final; sua tia, Laura Allende, deputada e líder popular que, com um processo de câncer já avançado, também suicidou-se quando recebeu a derradeira e cruel recusa por parte do governo chileno do direito de ir morrer no seu país.

As grandes expressões culturais chilenas não fugiram a esse espírito: Gabriela Mistral, consagrada em sua obra poética com o Nobel da literatura nos anos 40, descreveu com ilusão e amargura o mundo prometido às moças do interior — onde "todas iam ser rainhas" — ela mesma solitária professora primária de província, apaixonada e magoada por um amor não correspondido. Maria Luisa Bombal reproduz a mesma desolação, agora da mulher casada, conformada com seu destino, — como é descrito em *Amortalhada* quando, de seu caixão, ela revê passar os homens da sua vida, e em *A última névoa*, publicados pela Difel. E Violeta Parra, na sua música e poesia, canta liricamente a vida e a tristeza dos amores impossíveis, que finalmente a levaram também ao suicídio.

Isabel Allende era, no Chile pré-Pinochet, uma jornalista ágil de uma revista feminina do tipo *Cláudia* e, por outro lado, se dedicava ao teatro infantil, escrevendo peças. O golpe militar desabou sobre ela, se não "como um raio em céu azul", pelo menos com uma violência e extensão inesperadas por seu mundo, aparentemente inofensivo às oscilações políticas.

Mas o exílio venezuelano não a pegou desprevenida pelo menos em um ponto: durante sete anos ela já havia trabalhado em recolher as vivências de sua avó e de

sua mãe para que, juntando-as às suas próprias, desembocassem na história das três mulheres notáveis de três gerações sucessivas, em *A casa dos espíritos*. O livro explodiu nas listas dos mais vendidos, em todo o mundo, já em 1982, quando saiu na Espanha, apesar do estigma de ser um exercício chileno sobre *Cem anos de solidão* — um fantasma do qual ele se libera passadas poucas dezenas de páginas, para ganhar voo próprio.

Através da história de Clara, Alba e Rosa, o real maravilhoso nos conduz ao mundo mágico de personagens tenazes, místicos e apaixonados diante de um destino inelutável que, de 1905 a 1975, desemboca na atmosfera aterrorizante instaurada pelo regime militar — quando o livro perde o seu encanto, obrigado a aterrorizar num cotidiano contrastante com o mundo de sonhos em que a própria Rosa havia crescido.

O intuito de Isabel com *De amor e de sombra* foi, de alguma forma, o de retomar o clima em que havia encerrado *A casa dos espíritos*. Desta vez mediante a história simples de um jovem casal, que de repente vê desabar sobre suas vidas o insólito de um Estado de terror que transformou o cotidiano em um extraordinário exercício de sobrevivência. O episódio em que ela se baseia foi a primeira descoberta de um cemitério clandestino, com os corpos de toda uma família enterrados,

depois de fuzilados pelos militares, que haviam sempre negado até mesmo sua detenção.

"Solo el amor con su ciencia/nos vuelve tan inocentes" — epígrafa Isabel com os versos da música de Violeta Parra, ao som dos quais conduz seu jovem casal da incredulidade ao desgarramento da sua inequívoca realidade. Aquele sentimento com que os chilenos, solidários e acolhedores, escutavam nossas penas e nos (se) diziam: "Que horror! Seres humanos fazerem isso! Isso nunca poderá acontecer no Chile!", se tornava dura realidade.

Um relato que, em outras mãos, não teria o apelo dramático e amoroso com que Isabel o trata, confirmando que não se trata de escritora de um livro só. Tem fôlego para muito mais — já anuncia sua terceira novela, com o nome provisório de *Bolero*. Mas, para além disso, se consolida como a mais importante escritora da América Latina, a primeira a ingressar — pela porta da frente — no boom literário do continente, até aqui monopolizado pelos homens, com o ímpeto que somente uma sensibilidade aliada à força de quem reproduz os momentos mais agudos da realidade com emoção impar, pode contar.

Emir Sader



## Linguagem, veículo da paixão

Sandra Maria Lapeiz

*Sob o Signo de Saturno*  
Susan Sontag  
Tradução de Ana Maria Capovilla e  
Albino Poli Jr.  
Porto Alegre, L&PM Editores, 1986

Há uma expressão em inglês, *absence makes the heart grow fonder*, a ausência enterneca o coração (pelo objeto ausente), que pode ser o ponto de partida para ler *Sob o Signo de Saturno*, da escritora americana Susan Sontag, 52 anos, doutora em Filosofia.

A autora discute obras e fala da vida de Walter Benjamin, Roland Barthes, Elias Canetti, Paul Goodman, Syberberg, Antonin Artaud e Leni Riefenstahl, "minha mulher alemã perfeita", como Hitler a chamava.<sup>1</sup>

Sem intenção de deitar-me ao abrigo da crítica assinada, que enfatizou o aspecto erudito de Susan como extravagante, sugiro apontar nossa sensibilidade para o que ela, em entrevista a Charles Ruas<sup>2</sup>, com singularidade relata sobre sua produção, os ensaios nascendo de relacionamentos apaixonados: "sim, sempre preferi escrever sobre o que gosto".

A liberdade de escolha dos temas, escandalosamente levada a termo pela autora em toda sua obra, fundamentalmente nos ensaios, deixa-nos à vontade para afirmar que *Sob o Signo de Saturno* é um trabalho autobiográfico e não crítico, aqui entendendo o ato de escrever como a experiência máxima traduzida pela mente; escrevendo para captar o vivido, ordenando a vida de seus eleitos, estava originalmente ordenando a



sua vida. Tudo confere porque *Sob o Signo de Saturno* é resultado de um doloroso período da vida de Susan Sontag, onde exílio e alforria são ex-

enquanto nesse processo catártico de auto-reconhecimento, no compulsório exílio da cidade de Paris, ela passava a limpo suas identificações com os autores preferidos, como se olhasse uma velha caixa de fotografias, instantâneos cristalizados na memória — "coleccionar fotografias é coleccionar o mundo", escreve Susan.

A crise chega a um clímax em 1975, quando reconhece-se com câncer e decidida enfrenta a doença. A palavra escrita neste período revela-se como o fio de prumo arquitetando um novo espaço em sua literatura.

O enternecimento do coração provocado pelo exílio, do qual falamos inicialmente, engendrou, após este período, uma gratificante liberdade reconhecida em seu texto — "O ensaio é o arauto de algo novo, mas, creio eu, o fim de alguma coisa."

A superação da fase tormentosa, reconhecemos num trecho de ensaio sobre A.Artaud — "Adquire-se o direito de falar ao se ter sofrido, mas a necessidade de utilizar a linguagem é, ela própria, a ocasião central para o sofrimento".

A palavra-cinzel apurada desta fase assombrada, esculpindo a escritora, aproxima-se de um grau de maturidade que se reconhece em sua produção, através do uso certo do adjetivo, pedra de toque para determinar a qualidade de um estilo cujo emprego adequado está ligado intimamente ao poder de discernir. Susan é mestra no uso do adjetivo, índice sensível das reações emocionais do escritor ante as coisas e fatos. A adjetivação é o cursor da maturidade dessa escritora. Nada mais convincente do que o trecho: "O pensamento de Artaud é organicamente parte de sua consciência singular, assombrada, importante e selvagemmente inteligente. Artaud é um dos maiores e mais intrépidos cartógrafos da consciência in extremis."

Os instantâneos 3x4 de *Sob o Signo de Saturno* descarnam (sem cerimônias) Benjamin, Barthes, Artaud, Goodman, Syberberg, Riefenstahl e Canetti, para materializar com contornos dúbteis a escritora Susan Sontag.

1. Empréstimo de uma autodefinição de W. Benjamin inspiração para o título que reúne os ensaios: "Nasci sob o signo de Saturno — o astro de revolução mais lenta, o planeta dos desvios e das dilatações...". Susan insinua que percorrerá alegoricamente os caminhos da melancolia.

2. Extraída de *Conversations with American Writers*, 1984, tradução de Neide C. Loureiro publicada na Revista *Diálogo* n.º 2, vol. 19, 1986.

De Susan Sontag

Romances: *The Benefactor* (1963), *Death Kit*. Ensaios: *Against Interpretation* (1966), *Trip to Hanoi* (1968), *Styles of Radical Will* (1969), *Ensaio sobre a Fotografia* (1977), *A Doença como Metáfora* (1978).

Roteiro de Filmes: *Duet for cannibals* (1969), *Brother Carl* (1971), *Promised Lands* (1974).

Sandra Maria Lapeiz é co-autora do *Que é Pomografia?*, editado pela Brasiliense.

## Uma Vida Sob Vigilância Contínua

Isabel Alexandre

*Winnie Mandela*  
Parte de *minha Alma*  
Organizado por Anne Benjamin  
Tradução de Luiza Ribeiro  
Rio de Janeiro, Rocco, 1986

Seu nome, *Nonzane*, significa em xhosa<sup>1</sup>: *provação*. E sua vida não tem sido outra coisa senão uma constante prova de resistência ao *apartheid*. Este sistema que, sob pretexto de "desenvolvimento separado", organiza a máxima exploração de vinte um milhões de africanos em proveito de cinco milhões de brancos. Sustentado por países ocidentais<sup>2</sup>, os nacionalistas afrikaaners adeptos da ideologia nazista, souberam mesclar em sua propaganda racial o fantasma comunista com o medo de uma revolução social, oficializando (graças a um controle policial e militar sem igual) o racismo como ideologia do Estado.

Perseguida, presa, banida<sup>3</sup>, W. Mandela não representa uma exceção entre as mulheres negras da África do Sul. Estas se fazem presentes na luta antiapartheid, junto a organizações como o ANC (African National Congress) e a Consciência Negra, ou através de suas próprias formas de luta, desenvolvidas nas reservas onde o isolamento fez com que se tornassem determinadas, ativas, independentes dos homens. Também Winnie, mulher do principal líder do movimento de libertação da África do Sul (preso há vinte e quatro anos), frente às circunstâncias em que se viu forçada, desenvolveu suas próprias idéias políticas, deixando de ser considerada uma figura decalque, uma cópia de Nelson Mandela.

Completamente só e ao mesmo tempo sob vigilância contínua, defrontou-se com a realidade do que o *apartheid* significa para os negros no seu cotidiano: ausência de direitos e trabalho, desterro, humilhação, medo. Ela chegou a afirmar: "Há muito tempo deixei de existir como indivíduo."

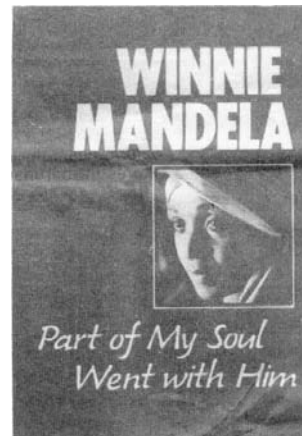
Como exilada, não deveria ter cara, nem desejos, nem orgulho sob pena de irritar e assustar. Sua própria negritude já é uma ofensa, e deveria sentir-se de antemão culpada frente à sociedade afrikaaner.

Mas, assim como não se é dominado no absoluto, mas sempre em relação a alguém, num determinado contexto, também a rebelião não é somente a reação humana a uma reação inumana, não é um ato isolado, mas o reconhecimento da desgraça individual na desgraça coletiva. Daí, Winnie Mandela resistir à solidão da prisão, do exílio: "Há algo incrivelmente purificador no exílio, cada minuto é uma lembrança de que ser negro já é em si uma obrigação na nossa sociedade doente, e isso dá novas forças."

Neste depoimento emocional, não piegas, W.M. descreve, a partir de suas experiências, o chamado "apartheid mesquinho" (*Petty Apartheid*): um arsenal de leis segregacio-

nistas que regem a vida social e as relações correntes entre as pessoas de raças diferentes (casamento, escola, comércio, residência, culto religioso, propriedade, transportes). Aspectos menores, de práticas cujo essencial é de natureza política e econômica: exclusão dos negros da vida política legal e a interdição de toda forma de oposição organizada; a interdição dos sindicatos e das lutas profissionais; a prática do "Indirect Rule" sob a forma dos "Bantustans" (confinamento da maioria negra em 13% das terras: economicamente inviáveis e politicamente controladas pelas autoridades de Pretória) de modo a evitar a comunicação, a unidade entre as diversas "nações" africanas e perpetuar suas divisões e diferenças, além de assegurar uma reserva de mão-de-obra barata.

O "caráter patológico" do *apartheid* não permite a menor transformação existencial do sistema: a resistência política dos negros acelera-se sob a pressão da violência branca. Dois universos se enfrentam: o do colonialismo branco e o da independência do povo africano. A derrota de um significa o seu fim. A vitória do outro inicia uma nova etapa na história da humanidade. Sem mostrar qualquer sinal de fraqueza, Winnie não deixa de reconhecer: "O que já sofremos nada é em comparação com o que nos vai acontecer. Estamos caminhando ao encontro de um futuro muito sombrio."



(1) Povos africanos, originários da região do Cabo, que lutaram muito para conservar suas terras, e depois de nove guerras (1779-1879) terminaram submetidos aos colonos brancos.  
(2) Os interesses estrangeiros controlam hoje: 60% da mineração; 30% da agricultura; 88% dos bancos; 68% da indústria da África do Sul.  
(3) Banimento suspenso em 1986.

Isabel Alexandre é professora de História da África Contemporânea no Departamento de História da Universidade de São Paulo e nas Faculdades Associadas Ipiranga.





## De como o Cristo venceu a Deusa

Murilo Silva Cisalpino

*As Brumas de Avalon*  
Marion Zimmer Bradley  
Tradução de Waltensir Dutra  
Rio de Janeiro, Imago, 1985  
Série Ficção e Experiência Interior, 4 vols.

Um convite a homens e mulheres, adultos e adolescentes: mergulhemos, através de *As Brumas de Avalon*, na Grã-Bretanha do século X. Período medieval. Tomemos a barca sagrada, acompanhados do Rei Arthur, de Sir Lancelote: "ouviremos" da fada Morgana a história de como o Cristo venceu a Deusa, a grande mãe, e exilou "para sempre" a ilha de Avalon nas brumas do mar do verão. Vamos buscar, como pessoas "contemporâneas", nossa identidade na lenda medieval do Rei Arthur, contada dessa vez pelas mulheres, por Morgana.

Editado no Brasil em quatro volumes preciosamente traduzidos e magicamente batizados (*A Senhora da Magia*, *A Grande Rainha*, *O Gamo-Rei* e *O Prisioneiro da Arvore*), *As Brumas de Avalon* encantam ao mais cético dos leitores descortina-

do, delicadamente, o mundo lendário do Rei Arthur, resgatando para tanto as atribuições místicas da figura feminina — parte da construção histórica do mundo ocidental, hoje bastante esquecida.

Através de duas figuras femininas — Morgana, a fada, e Guinevere (Gwenhwyfar), a rainha de Arthur — o livro trabalha o choque entre as religiões célticas da Bretanha pré-romana e a Igreja católica. Estas figuras incorporam todo o feminino de cada uma das ideologias. Morgana, forte, livre, questionadora. Guinevere, aparentemente frágil, aterrorizada pelos dogmas de sua religião, assumindo toda a "maldade e perversão" atribuídas a Eva pela teologia medieval. E, como Eva, constantemente atormentada pela serpente do desejo.

Paralelamente, é importante destacar a construção de um modelo masculino baseado nos laços de honra e vassalagem — característicos da Europa feudal — e na representação romano-cristã do varão, da imagem e

semelhar é homem mulher — submissã sua "nat mais do c qual se ' marido. f tre os mc so através culpa de gãos" ct mento "i sua funcã ciedade c iahad — Avalon, r gueiras di sa, a grar jo repres os home grande cavaleiro, o melhor dos companheiros de Arthur, ele vive dividido entre sua paixão indisfarçada por Guinevere e pelo próprio Arthur (movido pelo desejo, divinizado pelo "povo antigo") e seus compromissos cristãos de cavaleiro "honrado", respeitador da fidelidade conjugal e absolutamente heterossexual.

Assim como estes (Morgana, Guinevere, Arthur e Lancelote), todos os personagens do livro foram elaborados minuciosamente em seu conteúdo humano e histórico, confirmando a importância da profunda pesquisa evidenciada nos *Agradecimentos* (Vol. 1) e a competência literária da autora. Competência na condução da história, na leitura e preenchimento dos espaços proporcionados pelas lendas, pelas manifestações míticas das sociedades.

O livro integra uma tendência atual medievalista. Apresenta um mundo repleto de mitos e de magia. Nele você cruzaria na feira com o Merlim da Bretanha, o velho Taliesin, emissário dos Deuses; discutiria religião com uma sacerdotisa da ilha sagrada ao som da harpa de Kevin, o bardo; assistiria, no Pentecostes, a um torneio entre Lancelote e Mordred, o cavaleiro da visão, nascido do "pecado" de Arthur e Morgana.

Nesse mundo de druidas e fadas, cavaleiros e donzelas, residem algumas das fundamentais identidades do homem dito contemporâneo. Talvez por isso esse medievalismo tão

evidente na mídia. Talvez por isso um livro que trate de um assunto aparentemente tão "batido" como a lenda do Rei Arthur (lembrar os filmes: *Excalibur*, *Os cavaleiros da Távola redonda*, *A Espada era a Lei* etc.) tornou-se um *best seller*: não há assunto mais atual que a busca de identidade, hoje, na era do uniforme, revestida de aparente contínua mudança através da filosofia do *One Way*.

Atual também por reelaborar, de maneira profunda e sensível, questões da mulher, da feminilidade. O que se tem negado à mulher transcende à sua condição de cidadã, de membro de uma sociedade, e se remete à sua condição de fêmea; à domesticação e modelagem das relações da mulher com seu próprio corpo e, portanto, do universo a partir do qual a mulher se compreende.

Historicamente, o livro carrega uma discussão igualmente atual: a elaboração da moral, da concepção de mundo das sociedades, das regras unificadoras da conduta social, a montagem e a prática do que se chama ideologia, não consistem um movimento único e uno, exclusivo das classes dominantes, ditado a partir de um "locus" determinado, reconhecida e explicitamente responsável pelas regras.

A existência palpável desses locais privilegiados é historicamente constituída. Pressupõe a elaboração anterior de toda uma rede de "canais de comunicação"; de uma cotidiana aceitação de um indivíduo ideal e, dialeticamente, a negação incessante de seus opositos. Esta negação, ou melhor, essa luta entre as formas de se conceber o homem e seu papel no mundo, parece-me o conteúdo principal, do ponto de vista histórico, que nos traz a deliciosa e instigante leitura de *As Brumas de Avalon*.

Finalizando, gostaria de compartilhar a certeza de Morgana no *Prólogo* (Vol. 1): "Esse é o grande segredo conhecido de todo os homens cultos de nossa época: pelo pensamento criamos o mundo que nos cerca, novo a cada dia."

Murilo Silva Cisalpino é professor de História no Colégio Loyola e na Escola Santo Tomás de Aquino, em Belo Horizonte.

*Hannah e Suas Irmãs*  
De Woody Allen  
Com Mia Farrow, Carrie Fisher, Dianne Wiest

Quando Cacília, personagem do filme *A Rosa Púrpura do Cairo*, de Woody Allen, vai diversas vezes ao cinema para ver seu filme predileto, tem toda razão. *Hannah e suas irmãs*, novo filme de Allen, traz harmoniosamente uma quantidade tão grande de detalhes que corremos o risco, ao confiar na memória, de deixar escapar momentos importantíssimos.

Novamente, a questão principal do filme recai sobre a mulher. Dessa vez, a personagem principal, Hannah, é uma mulher brilhante, bem sucedida profissionalmente, cuja vida afetiva é complicada. Seu ex-marido é um hipocondríaco que tem crises místicas, provocando risos convulsivos na plateia. Enquanto isso, Hannah circula entre as mulheres de sua família tentando "administrar" essas relações.

A irmã mais velha de Hannah vive drogada e sua mãe é alcoólatra. Circulando entre a possibilidade de identificação com

## Identificando a Sedução

Regina Andrade



a mãe e Hannah, ela por vezes parece completamente perdida. O modelo de mulher que favorece o processo de identificação passa pelos movimentos do útero materno, tanto que sua mãe diz que se tivesse sua idade também se drogaria, evidenciando o reverso;

Identificar-se com a mãe, no caso das mulheres que têm várias irmãs, provoca um imenso desdobraimento, por vezes confuso. É frequente que as parcialidades necessárias ao processo de integração da feminilidade ofereçam no seu curso dificuldades com relação à ambição, à rivali-

zação e à inveja vivenciadas na multiplicidade do grupo.

Há uma frase que ouvimos sempre: "as mulheres da minha família são assim ou assado...", como uma expressão maciça de uma instituição. Há uma certa razão nisso, porque se formos observar bem, seguramente encontraremos traços comuns entre irmãs, avós e mãe, independente de seus destinos, quase sempre bastante diferentes.

Os homens do filme gravitam ao redor dos pequenos detalhes femininos e se confundem com as semelhanças e/ou diferenças que são manifestas pelas mulheres. Allen deixa bem claro no filme que é justo essa diversidade, multiplicada por dois, três ou mais, o que seduz o homem.

*Hannah e suas irmãs* é mais uma preciosa obra do cinema, que deixa atônitas as relações amorosas, em busca da tão explorada pergunta que a psicanálise faz: *o que quer uma mulher?*

Regina Andrade é psicanalista e doutoranda da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



de Oliveira

A repórter (à esq.) e Alda Marco Antônio (à dir.) no chazal com Maria L. Silva.

## REPORTAGEM

*Elas levantam antes do sol nascer, fazem a comida, arrumam a casa e vão para a roça, de onde saem quando já é noite outra vez. Não recebem um salário só seu. São consideradas, na lavoura do chá, como complemento salarial dos maridos — que dificilmente ganham o mínimo previsto por lei.*

Sueli Correia

### O chá que a gente toma

Essas mulheres são as colhedoras de folhas de chá do Vale do Ribeira — única região brasileira que produz o chá preto. A situação de semi-escravidão em que vivem foi comprovada numa blitz realizada em setembro, em Registro (187 km a sudoeste de São Paulo) com a presença da secretária do Trabalho, Alda Marco Antônio.

A vistoria foi feita na Fazenda Palmeiras, de propriedade do imigrante japonês Kessao Kassuga. Ali, a colhedora de chá ganha Cz\$ 0,20 por quilo de folhas colhidas. No final do mês, o total de sua produção é somado ao ganho do marido e dos filhos, após os descontos referentes aos instrumentos de trabalho, como o cesto de vime (que custa Cz\$ 30) e o saco de estopa (Cz\$ 15). E também às doenças: uma viagem ao hospital custa Cz\$ 30, além do doente perder dois dias de trabalho por castigo.

Há depoimentos trágicos entre essas trabalhadoras. Como o de Jacira Gomes da Silva, 28 anos, mãe de dois filhos. Embora demonstrando gostar do trabalho que faz ("eu não sei fazer outra coisa na vida"), ela conta ter perdido um filho aos seis meses de gestação, quando um saco de trinta quilos de folhas que carregava derrubou-a no meio do chazal. Jacira nada recebeu nos 45 dias que precisou afastar-se da lavoura. E seu caso nem consta das estatísticas de acidentes de trabalho.

Assim como Jacira, d. Maria Luciano da Silva, 55 anos, sempre trabalhou na roça. Seus três filhos menores de 13 anos costumam ajudá-la. "Reclamar do quê? O patrão me manda embora", resigna-se a lavradora ao informar que não sabe "direito" quanto ganha por mês. Dona Maria diz preferir a plantação de bananas do que a de chá. No bananal ela normalmente usa agrotóxicos, mas ignora os males à saúde que o veneno pode provocar. "Férias? Só dia de domingo e quando a gente tá doente", responde d. Maria, enquanto agilmente vai enchendo sua cesta.

As irmãs Roseli Rosa, 14 anos, e Dalvina Rosa, 12 anos, raramente vão à escola, onde cursam a 2.ª série. Precisam trabalhar e têm prática de quatro anos na colheita de folhas

de chá. Afirmam colher, juntas com o padastro, 100 quilos de folhas por dia. Mas — complicada matemática! — a família ganha Cz\$ 350 por quinzena. Mãos machucadas no talo das plantas, Dalvina sorri o tempo todo e também diz gostar da colheita onde enfrenta o sol, a chuva e o peso da miséria.

O chazal geralmente fica em morros íngremes, de difícil acesso. Para chegar na sede da Fazenda Palmeiras as mulheres e crianças (que são maioria na tarefa de colher folhas) precisam atravessar, com pesos nunca inferiores a vinte quilos, a Régis Bittencourt (BR-116) — considerada uma das mais perigosas rodovias do país.

Kessao Kassuga, multado em mais de Cz\$ 40 mil por manter empregados sem registro, parece não ter consciência da opressão que impõe aos seus trabalhadores. "Todos os meus empregados são volantes e não querem registro em carteira", diz. A repórter contra-argumenta lembrando

de que todos os entrevistados trabalham ali há mais de quatro anos. "Vocês falaram com muitas mulheres e elas, muitas vezes, não sabem o que dizem", justifica-se Kassuga.

A equipe da Secretaria do Trabalho, sem a presença de Alda Marco Antônio, vistoriou outros chazais no Vale do Ribeira, encontrando a mesma realidade da Fazenda Palmeiras. Para a secretária, a relação opressiva na lavoura do chá não se caracteriza como escravidão branca "porque eles estão próximos da estrada e, se quiserem, podem fugir". Ela desabafa, porém, que nas blitz que vem promovendo no interior do Estado tem constatado uma série de "desgrças" contra os trabalhadores de ambos os sexos e especialmente contra as crianças, que são o maior alvo de sua preocupação.

A presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sete Barras, Zélia Moreira, mostra-se revoltada: "Os direitos da mulher rural precisam ser respeitados. Não podemos permi-

tir que continue acontecendo esse tipo de coisa com nossas companheiras." Zélia Moreira sabe que a principal arma de patrões como Kessao Kassuga é a inconsciência das próprias trabalhadoras.

Agora, a secretária do Trabalho, os Sindicatos de Trabalhadores Rurais da região e os patrões iniciam debates que resultarão em acordos coletivos específicos para cada lavoura. As questões relativas à mulher e à criança serão aprofundadas. No caso da mulher trabalhadora rural constam, entre outros direitos, que ela não pode carregar pesos superiores a vinte quilos e tem garantia de licença-gestante sem prejuízo do salário. Quanto às colhedoras de folhas de chá, a discussão deve começar exatamente pelo salário, que elas precisam receber integralmente.

Sueli Correia é jornalista de A Tribuna do Ribeira e correspondente da Agência Folhas em Registro, SP.



Acompanhada de crianças, Jacira Gomes da Silva (à direita) carrega 27 quilos de folhas de chá.

# MULHERES TRABALHANDO

NO DIA 4 DE ABRIL DE 1983, O GOVERNO MONTORO, ATENDENDO A UMA ANTIGA REIVINDICAÇÃO DAS MULHERES, CRIOU O CONSELHO ESTADUAL DA CONDIÇÃO FEMININA. ESSA INICIATIVA FOI UMA CONQUISTA DAS MULHERES, QUE SÓ SE TORNOU POSSÍVEL ATRAVÉS DA PROPOSTA DE PARTICIPAÇÃO DO GOVERNO MONTORO, QUE VEIO ATENDER À NECESSIDADE DETECTADA PELAS MULHERES APÓS LONGO CAMINHO DE LUTAS E REFLEXÕES SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA E A FORMA DE TRANSFORMÁ-LA.

DESDE ENTÃO O CONSELHO VEM TRABALHANDO AO LADO DA MULHER E OBTENDO CONQUISTAS NA BUSCA DA IGUALDADE, AUTONOMIA E DIGNIDADE.

A INSTITUCIONALIZAÇÃO E A CAMPANHA "ALERTA MULHER PARA A CONSTITUINTE" SÃO AS PRINCIPAIS BANDEIRAS DO CONSELHO, QUE TEM COMO PRIORIDADES SAÚDE, COMBATE À VIOLÊNCIA, CRECHES, TRABALHO E EDUCAÇÃO.

O CONSELHO DA CONDIÇÃO FEMININA, NESTES SEUS TRÊS ANOS DE EXISTÊNCIA,

JÁ CONQUISTOU AS SEGUINTE VITÓRIAS: PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA INTEGRAL À SAÚDE DA MULHER E TRANSFORMAÇÃO DESSE PROGRAMA EM PRIORIDADE NA SECRETARIA DA SAÚDE; CRIAÇÃO DAS DELEGACIAS DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER NA CAPITAL, GRANDE SÃO PAULO E INTERIOR; INSTITUCIONALIZAÇÃO DO COJE — CENTRO DE ORIENTAÇÃO JURÍDICA E ENCAMINHAMENTO DA MULHER —, QUE HOJE PASSA A SER ÓRGÃO OFICIAL DA PROCURADORIA GERAL DO ESTADO; ELABORAÇÃO DO PROJETO DE ALTERAÇÃO DA CLT JÁ ENTREGUE AO MINISTRO DO TRABALHO; INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CONCURSO MULHERES ENTRE LINHAS; PROSSEGUIMENTO DO PROJETO DA FLE E CECF: MULHERES E EDUCAÇÃO PARA TODO O INTERIOR DO ESTADO, LITORAL, CAPITAL E GRANDE SÃO PAULO.

POR TUDO ISSO, DEVEMOS TORNAR O CONSELHO ESTADUAL DA CONDIÇÃO FEMININA UM ORGANISMO DEFINITIVO NA VIDA POLÍTICA DO ESTADO.

VOCÊS ACABAM DE VER O QUE O CONSELHO DA CONDIÇÃO FEMININA ESTÁ FAZENDO COM AS MULHERES.



DEMOCRACIA E SÉRIEIDADE DÃO RESULTADO.

Meu bem-amado é forte e vermelho, entre dez mil se distingue

Sus braços são cilindros de ouro... Sus pernas são colunas de alabastro... Sua palmeira é cheia de suavidade, e toda a sua pessoa é um só encanto

(Cânt. 6, 10-15)

Quando a história da literatura tiver definido o espaço para a poesia que hoje produzem os brasileiros, terá que destacar a presença de um subconjunto que, de forma bastante expressiva, tanto em termos qualitativos como quantitativos, elegia a figura masculina como fonte de inspiração.

Para a realização desse movimento, as autoras brasileiras têm fontes seguras que trazem à baila para re-dimensionar, tirando-as do esquecimento ou da incompreensão. Por isso, para cada um dos aspectos do retrato poético do masculino feito

Assim, nesses versos a inspiração não tem mais a aparência da musa, mas um corpo masculino; tem, muitas vezes, incompreensão; como em todos os séculos, uma certa fugacidade e, como em toda a história, constitui-se no objeto eletivo que irá impulsionar o artista à sua criação.

Enfatizamos, portanto, a presença do homem como inspirador nessa parcela de um conjunto mais amplo, que provisoriamente podemos chamar de poesia brasileira de hoje. A inspiração é aqui compreendida como força que impulsiona o artista à criação de uma linguagem, como o passeio do ser para além de suas próprias fronteiras em direção a um novo território.

Assim entendida, a inspiração surge como questão fundamental para a poética. Uma mudança na feição do objeto inspirador pode estar introduzindo uma transformação na história da poesia; e a intromissão do masculino como inspirador na configuração do universo poético faz com que o mundo seja levado à linguagem sob uma nova imagística. Se para Murilo Mendes "o mundo começava nos seios de Jandira!", para Olga Savary "o

mar é um macho como não há nenhum "Z". Trata-se, assim, de compreender melhor toda uma expressão literária, na medida em que captamos as formas de apresentação do homem, enquanto móvel do texto poético.

O homem como objeto de inspiração poética — como alvo para quem se dirige o canto ou a respiração —

# O HOMEM

to de quem fala o canto — não é, todavia, uma criação da contemporaneidade, mas, inequivocamente, constitui um traço que hoje é explorado insistentemente, integrando um movimento histórico e político.

Estando presente ao longo de toda a história literária, a face masculina do inspirador é enfatizada por nossas autoras que, além da mera análise, ajustam este aspecto ao pensamento deste final de século, promovendo a atualização de um traço que se encontra disseminado ao longo da história literária.

Para a realização desse movimento, as autoras brasileiras têm fontes seguras que trazem à baila para re-dimensionar, tirando-as do esquecimento ou da incompreensão. Por isso, para cada um dos aspectos do retrato poético do masculino feito

Assim, nesses versos a inspiração não tem mais a aparência da musa, mas um corpo masculino; tem, muitas vezes, incompreensão; como em todos os séculos, uma certa fugacidade e, como em toda a história, constitui-se no objeto eletivo que irá impulsionar o artista à sua criação.

Enfatizamos, portanto, a presença do homem como inspirador nessa parcela de um conjunto mais amplo, que provisoriamente podemos chamar de poesia brasileira de hoje. A inspiração é aqui compreendida como força que impulsiona o artista à criação de uma linguagem, como o passeio do ser para além de suas próprias fronteiras em direção a um novo território.

Assim entendida, a inspiração surge como questão fundamental para a poética. Uma mudança na feição do objeto inspirador pode estar introduzindo uma transformação na história da poesia; e a intromissão do masculino como inspirador na configuração do universo poético faz com que o mundo seja levado à linguagem sob uma nova imagística. Se para Murilo Mendes "o mundo começava nos seios de Jandira!", para Olga Savary "o

Assim entendida, a inspiração surge como questão fundamental para a poética. Uma mudança na feição do objeto inspirador pode estar introduzindo uma transformação na história da poesia; e a intromissão do masculino como inspirador na configuração do universo poético faz com que o mundo seja levado à linguagem sob uma nova imagística. Se para Murilo Mendes "o mundo começava nos seios de Jandira!", para Olga Savary "o

**A Serenata**  
Uma noite de lua pálida e gerânios ele vira com boca e mão incriveis tocar flauta no jardim.  
Estou no começo do meu desespere e só vejo dois caminhos: ou viro doido ou santa. Eu que rejolo e expiro e não é por natural como sangue e veias descobro que estou chorando todo dia.

os cabelos entristecidos, a pele assabada de inebriado. Quando ele vier, porque é certo que vem, de que modo vou chegar ao balcão sem aventurais e ele serlo os mesmos

Ante a presença do homem com um traço que al claramente um sibolo fálico — ficam admirdos para a mulher dois posicionamentos possíveis: a entrega total aos sentidos, à força instintiva, implicando loucura — "ou viro doida..."; ou a "noite escura dos sentidos", a postura ascética que o texto apresenta como santidade.

Ante a presença do homem com um traço que al claramente um sibolo fálico — ficam admirdos para a mulher dois posicionamentos possíveis: a entrega total aos sentidos, à força instintiva, implicando loucura — "ou viro doida..."; ou a "noite escura dos sentidos", a postura ascética que o texto apresenta como santidade.

Ante a presença do homem com um traço que al claramente um sibolo fálico — ficam admirdos para a mulher dois posicionamentos possíveis: a entrega total aos sentidos, à força instintiva, implicando loucura — "ou viro doida..."; ou a "noite escura dos sentidos", a postura ascética que o texto apresenta como santidade.

Ante a presença do homem com um traço que al claramente um sibolo fálico — ficam admirdos para a mulher dois posicionamentos possíveis: a entrega total aos sentidos, à força instintiva, implicando loucura — "ou viro doida..."; ou a "noite escura dos sentidos", a postura ascética que o texto apresenta como santidade.

Ante a presença do homem com um traço que al claramente um sibolo fálico — ficam admirdos para a mulher dois posicionamentos possíveis: a entrega total aos sentidos, à força instintiva, implicando loucura — "ou viro doida..."; ou a "noite escura dos sentidos", a postura ascética que o texto apresenta como santidade.

Ante a presença do homem com um traço que al claramente um sibolo fálico — ficam admirdos para a mulher dois posicionamentos possíveis: a entrega total aos sentidos, à força instintiva, implicando loucura — "ou viro doida..."; ou a "noite escura dos sentidos", a postura ascética que o texto apresenta como santidade.

Ante a presença do homem com um traço que al claramente um sibolo fálico — ficam admirdos para a mulher dois posicionamentos possíveis: a entrega total aos sentidos, à força instintiva, implicando loucura — "ou viro doida..."; ou a "noite escura dos sentidos", a postura ascética que o texto apresenta como santidade.

reio; o corpo do homem é, então, cantado. Compreendido esse dilema e a bifurcação que dele advém, devemos entender que as autoras brasileiras dessas duas últimas décadas visam à superação desse contraste. Se o discurso de Adélia Prado incorpora, em algum momento, a oposição entre sagrado e profano é, sem dúvida, para superá-la, ten-

tando a conversão do profano no sagrado; em sua poética, a sacralização do profano, a sacralização do espaço cotidiano, alcança uma intensidade máxima.

Verifique-se esse motivo na declaração amorosa de Para o Zê, onde Adélia Prado evidencia a visão do cotidiano como ritual sagrado, concebendo homem e mulher como partes de um mundo pleno, de materialidade, cuja materialidade

mesma é capaz de levar à experimentação do sagrado. Eu te amo, homem, hoje como toda vida quis e não sabia. Aprendo. Te aprendo, homem. O que a memória ama fica eterno. Te amo como a memória imperecível. Te ensino junto das coisas que fazem uma coisa só: Deus e amor. Você me espica como o desenho do peixe da guarnição de cozinha.

mesma é capaz de levar à experimentação do sagrado. Eu te amo, homem, hoje como toda vida quis e não sabia. Aprendo. Te aprendo, homem. O que a memória ama fica eterno. Te amo como a memória imperecível. Te ensino junto das coisas que fazem uma coisa só: Deus e amor. Você me espica como o desenho do peixe da guarnição de cozinha.

mesma é capaz de levar à experimentação do sagrado. Eu te amo, homem, hoje como toda vida quis e não sabia. Aprendo. Te aprendo, homem. O que a memória ama fica eterno. Te amo como a memória imperecível. Te ensino junto das coisas que fazem uma coisa só: Deus e amor. Você me espica como o desenho do peixe da guarnição de cozinha.

mesma é capaz de levar à experimentação do sagrado. Eu te amo, homem, hoje como toda vida quis e não sabia. Aprendo. Te aprendo, homem. O que a memória ama fica eterno. Te amo como a memória imperecível. Te ensino junto das coisas que fazem uma coisa só: Deus e amor. Você me espica como o desenho do peixe da guarnição de cozinha.

mesma é capaz de levar à experimentação do sagrado. Eu te amo, homem, hoje como toda vida quis e não sabia. Aprendo. Te aprendo, homem. O que a memória ama fica eterno. Te amo como a memória imperecível. Te ensino junto das coisas que fazem uma coisa só: Deus e amor. Você me espica como o desenho do peixe da guarnição de cozinha.

mesma é capaz de levar à experimentação do sagrado. Eu te amo, homem, hoje como toda vida quis e não sabia. Aprendo. Te aprendo, homem. O que a memória ama fica eterno. Te amo como a memória imperecível. Te ensino junto das coisas que fazem uma coisa só: Deus e amor. Você me espica como o desenho do peixe da guarnição de cozinha.

Desnudo o corpo do homem com o olhar, com a palavra. A sensualidade aflora na imagem

Mirella Márcia Longo Vieira Lima

## ENSAIO

Percebe-se na escritura de Heloisa o privilégio do amor místico, embora também se perceba aí um deslocamento do espaço sagrado: o homem mais amado que o Deus e, na instância mesma da espiritualização, a intromissão do corporeo.

O primeiro dilema termina por gerar um outro confronto que, igualmente, irá marcar a apresentação poética do homem: do homem delicado, ou seja, do canto a um Deus, nasce o canto a um ideal — apresenta-se o homem idealizado; — visão profana liga-se o canto ao ser real, concreto, até mesmo inserido em um cotidiano — apresenta-se o canto ao homem real, como crítica ou como exaltação.

A idealização do homem tende a empastar-lhe uma feição de herói, de salvador. Sob a influência da poesia portuguesa com o seu mito

Cecília fala acerca do provável emissor de uma felicidade situando-o em um plano ideal, onde a potência maior está sediada na beleza.

A idealização assume muitas vezes uma feição narcísica que define o objeto inspirador associado ao masculino em correspondência direta com o EU, podendo ainda evoluir para o estabelecimento de um amor intransitivo onde, explicita e nitidamente, o inspirador é apenas o pretexto para que se dê o exercício da escritura.

Essa feição narcísica da idealização norteia a configuração do pássaro de fogo na obra de Myriam Fraga, onde o pássaro, o herói salvador, é o homem em sua aventura e, em última instância, o poeta arquetípico, construído a partir da confissão lírica do sujeito que

A feição crítica, responsável por uma poesia de denúncia, fica aqui representada pelos versos de Renata Pallotini.

Percebo agora que não posso amar sem mãos de posse. Nunca serias bordão apenas ramos que se estendem. E mesmo o que há em ti, que é calmo e doce.

E breve prelúdio de olhos definitivos que pretendem. Como poderias ser caminho se não compreendes os caminhos. Nem para todos há razões que se possam dizer.

Não tens mãos que consolem, mas não apudamente braços! E às vezes queremos a infinita liberdade de ser...<sup>11</sup>

que desenham o masculino não como o idealizado, mas ao contrário como o opressor denunciado, filiando-se, portanto, à denúncia que já se anunciava, nas primeiras décadas deste século, através do lamento de Gilka Machado:

Homem! um dia para mim partiste, colando-me no horror da plenitude de uma penúria em que eu me debruço, triste.

Desde, então, com prazer, sempre, segureste os desfolhos da minha juventude; e o tempo fez para mim se enlamear melhor teu trato cada vez mais rude.<sup>12</sup>

Já os versos de Lupe Cotrim trazem uma feição específica da denúncia crítica. A mulher, que antes apareceu como edificadora de uma imagem idealizada do homem,

sebastiânico, as autoras brasileiras de hoje cantam um libertador. Em A lenda do pássaro que roubou o fogo, Myriam Fraga ilustra esta vertente da idealização.

**O Canto da Terra**  
Ele virá, O Deus-função, O homem pássaro. Com seu fogo Sua acha selvagem Ele virá com o rai,

amor, antes que do amado, já afirmava no Séc. XVII as cartas de Mariana Alcoforado:

O meu amor já não depende do que feres... que podia eu fazer neste mundo se em tanto amor e tanta amargura?...<sup>10</sup>

Nas cartas de Mariana Alcoforado, a paixão surge como impulso para uma aprendizagem de si mesma, conduzindo a uma certa intranquilidade da escritura.

Na representação do homem pela idealização, a procura do elemento masculino pode vincular a procura do OUTRO, do próprio eu (no caso da vertente narcísica), a procura do Deus, de um absoluto, de um sentido que pode funcionar como impulso a uma contínua deriva, o que resulta muitas vezes no privilégio do desejo sobre o desleixo.

Quando ao retrato do homem corpóreo, inserido em sua realidade física, é possível ainda distinguir duas nuances: uma nuance crítica do comportamento masculino e outra mais celebratória do corpo masculino.

Linda é a mulher e o seu canto, ambos guardados no luar. Tudo pudesdes a beleza, e de encoberto país, vira alguém, com certeza, para fazê-la feliz, contemplando-lhe alma e corpo...<sup>13</sup>

**II O Corpo**

A pele do homem amado tem nuances de um céu azul, texturas, estopeses, matagais a respirar profundezas brotando em ritmo e calor nos seus recantos de acolchoado.<sup>14</sup>

Como poderias ser caminho se não compreendes os caminhos. Nem para todos há razões que se possam dizer.

Não tens mãos que consolem, mas não apudamente braços! E às vezes queremos a infinita liberdade de ser...<sup>11</sup>

que desenham o masculino não como o idealizado, mas ao contrário como o opressor denunciado, filiando-se, portanto, à denúncia que já se anunciava, nas primeiras décadas deste século, através do lamento de Gilka Machado:

Homem! um dia para mim partiste, colando-me no horror da plenitude de uma penúria em que eu me debruço, triste.

Desde, então, com prazer, sempre, segureste os desfolhos da minha juventude; e o tempo fez para mim se enlamear melhor teu trato cada vez mais rude.<sup>12</sup>

Já os versos de Lupe Cotrim trazem uma feição específica da denúncia crítica. A mulher, que antes apareceu como edificadora de uma imagem idealizada do homem,

levanta-se contra os séculos de estereótipos que esmagam a sua realidade. O teu amor decore na procura da mulher ideal, de tudo assente, que existe sem passado, e que consente em ver-se como a vés, clara ou opura.

O juízo é teu — de como deve ser — sem condições reclama o ansio, de destruí-la, moldá-la a teu desejo, e só fechado em ti pode viver.<sup>13</sup>

Em sua Trilogia do homem amado, Tereza Halliday ilustra as duas tendências do canto ao homem real, na medida em que denuncia o comportamento e efetua a celebração do corpo.

**I A Alma**  
De seis almas o Eterno datou o homem amado

... A quarta é acre, violenta, insubível, triste e derrapante. Nutre-se dos próprios transtornos e agressões

... e me nutre de solidão

... e uma rajada de pássaros.<sup>14</sup>

Nesse sentido, as poetas brasileiras guardam uma intensa proximidade com as poetas portuguesas dos últimos anos, sendo bastante visível a existência de um intercâmbio de atitudes na poetização do corpo masculino. É o caso de Maria

de Oliveira a intromissão do canto ao corpo, como busca de superação da divisão entre corpo e alma, apontando-nos o físico como acesso ao metafísico:

E juntos como plantas, como bichos, o que se empinha na ardorosa luita, o corpo apenas, alma e corpo unidos, ou essa divisão não tem sentido?<sup>15</sup>

Concluindo, parece justo observar que o trabalho de estudar essa eleição de uma visão feminina do mundo, estudando o homem poetizado pela mulher — cuja voz tanto se resente dos séculos de prisão —, que o trabalho de fazer a execução dessa depoiamento poético deve inspirar-se na tarefa maior de libertar o feminino, libertando-nos a todos, homens e mulheres, enquanto seres mais íntegros e mais plenos.

Notas  
1. MENDES, Murilo. Jandira. In: O mundo experimental. São Paulo, Summus, 1979.  
2. SAVARY, Olga Mar. In: Magda. São Paulo, M. Olney/R. Kampf, 1981.  
3. PRADO, Adélia. A serenata. In: Sagagem. Rio de Janeiro, Imago, 1976.  
4. A referência à ascensão como "noite escura dos sentidos" reporta a CRUZ, São João da. Obras Completas. Fátima, Carmo, 1974.  
5. PRADO, Adélia. Para o Zê. In: Op. cit.

6. Heloisa era a esposa secreta de Abelardo. Este, por força de um ato de vingança e castrado e torna-se monge, incluindo Heloisa e ir para um convento. Trocam correspondência na qual Abelardo procura incentivar em Heloisa um sentimento religioso de pura adoração e Deus. Contudo, persiste em Heloisa a paixão carnal e o sentimento de revolta pelos seus destinos (see: XIII). Cf. CAVALCANTI, Mariana. Cartas Portuguesas. Rio de Janeiro, Agir, 1962.

7. FRAGA, Myriam. O canto da terra. In: A lenda do pássaro que roubou o fogo. Salvador, FCEBa, 1983  
8. MEIRELES, Cecília. Sermão. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972.  
9. FRAGA, Myriam. Gabelada. In: Op. cit.

10. As cartas de Mariana Alcoforado, cuja autoria é ainda discutida, teriam sido, provavelmente, escritas pela freira para um oficial francês, ALCOFORADO, Mariana. Cartas Portuguesas. Rio de Janeiro, Agir, 1962.

11. Sobre a intranquilidade da paixão de Mariana, dizem Maria Velho de Costa, Maria Izabel Barreno e Maria Tereza Horta: "Foi esta o seu objeto, seu pretexto, e a paixão, seu pretexto, sua força de querer sair do que lhe restava, sua passagem a outra condição —, quero mais à minha paixão do que a ti". CF. BARRIENO, Costa e Horta. Novas cartas portuguesas. Rio de Janeiro, Nordica, 1974.

12. Sobre a intranquilidade da paixão de Mariana, dizem Maria Velho de Costa, Maria Izabel Barreno e Maria Tereza Horta: "Foi esta o seu objeto, seu pretexto, e a paixão, seu pretexto, sua força de querer sair do que lhe restava, sua passagem a outra condição —, quero mais à minha paixão do que a ti". CF. BARRIENO, Costa e Horta. Novas cartas portuguesas. Rio de Janeiro, Nordica, 1974.

13. PALLOTINI, Renata. Porto. In: Chão de Palavras. São Paulo, Circulo do Livro.  
14. MACHADO, Gilka. Reflexões. In: Poesias Completas. Rio de Janeiro, Caléxia, MEC, 1978.  
15. COTRIM, Lupe. Nau de assombro I. In: Encontro. São Paulo, Brasiliense, 1984.

16. HALLIDAY, Tereza. Trilogia do homem amado. In: HORTAS, Maria de Lourdes. Carta à Palavra de Mulher. São Paulo, Rio de Janeiro, Fontana, 1979.  
17. SAVARY, Olga. Vida. In: Op. cit.  
18. O segredo. In: Op. cit.

19. HORTA, Maria Tereza. Canto a teu corpo. In: Minha Senhora de mim: Lisboa Futura, 1974.  
20. MACHADO, Gilka. Volúpia. In: Op. cit.  
21. OLIVEIRA, Marly de. O sangue na veia. Rio de Janeiro, Imago, 1967.

Mirella Márcia Longo Vieira Lima é professora-assistente de Teoria da Literatura do Instituto de Letras da UFPA, autora de O Curso das Águas, livro de poesia editado pela FCEBa, 1981. Este texto foi originalmente publicado pelo Caderno 3 do NEM, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Salvador, Bahia.



Angela Peruchini



Angela Peruchini

# COMO OBJETO DE

# INSPIRAÇÃO POÉTICA





Mulheres, índios,  
menores,  
homossexuais.  
Mulherio dá a palavra a  
especialistas ou  
representantes destas  
minorias políticas, na  
tentativa de contribuir  
para o debate da  
nova Constituição.

## Aborto: o outro lado da moeda

*Criada no ano passado para oferecer subsídios a uma política de saúde na área de reprodução humana, a Comissão de Direitos da Reprodução estuda a recomendação do aborto em casos de fetos com problemas genéticos graves. Um direito que não deverá transformar-se em obrigação.*

**Carmen Barroso**

A Comissão de Direitos da Reprodução do Ministério da Saúde acaba de propor a criação de um grupo de estudos para analisar o aborto nos casos em que o feto é portador de doenças ou afecções genéticas graves. A extensão da legalização do aborto para esses casos já havia sido recomendada pelo Conselho Regional de Medicina de São Paulo e consta do anteprojeto de Código Penal há muito tempo em tramitação no Congresso Nacional.

A decisão nesta matéria torna-se mais urgente na medida em que novos desenvolvimentos da tecnologia da reprodução permitem diagnosticar com alta precisão uma série de problemas genéticos em estágios iniciais da gravidez. Um número crescente de mulheres de mais de 38 anos — idade a partir da qual aumenta o risco de alterações cromossômicas, especialmente o mongolismo — tem recorrido à amniocentese<sup>1</sup>, já disponível em várias cidades brasileiras, embora a um custo bastante alto.

### QUESTÕES ÉTICAS

A prática do aborto nestas circunstâncias levanta algumas questões éticas que é necessário examinar com seriedade. De um lado, pode-se argumentar que, no caso de um embrião com severas deficiências genéticas, a qualidade de vida predizível será tão intolerável que a interrupção da gravidez constitui um ato de misericórdia para com o próprio indivíduo que ele poderia vir a ser. Outro argumento de peso é o de que a disponi-

bilidade do diagnóstico pré-natal, seguida da possibilidade de opção por um aborto legal, aumenta a possibilidade de ter filhos para mulheres e casais que não se arriscariam a conceber, se não tivessem essa alternativa.

Como, na maioria dos casos, a probabilidade de um embrião saudável é maior, o número de abortos será menor que o aumento dos nascimentos propiciado pela possibilidade de recorrer ao aborto. No caso de doenças de transmissão genética, por exemplo, casais que tenham até 25% de chance de transmiti-la a seus filhos e que em vista disso tivessem decidido não tê-los, ao mudarem esta decisão por passar a contar com a possibilidade do aborto, recorrerão a ele em apenas uma entre quatro gestações. O argumento de que a geração de três crianças saudáveis não justifica um aborto pode ser contraposto pelo argumento de que a prevenção do aborto não justifica negar a prospectiva de vida a crianças possíveis.

### A POSIÇÃO DA IGREJA

Contra qualquer aborto levanta-se o argumento tradicional católico de que a vida se inicia com a fecundação, e que deve ser preservada a todo custo. Essa posição extremada já levou em muitos casos até à proibição da operação da trompa, nos casos de gravidez tubária, e à opção pela vida do feto em detrimento da vida da mãe. O apego a posições tão radicais é explicado pelo interesse da

Igreja em manter o controle sobre normas de vida pessoal, onde figura proeminentemente o casamento monogâmico indissolúvel com a exclusividade da sexualidade legítima necessariamente ligada à reprodução. Se S. Tomás chegou a justificar o decreto papal que ordenava às mulheres casadas com leprosos que não evitassem as relações sexuais com seus maridos alegando que "ainda que a descendência nasça com a doença, é melhor para ela ser assim do que não ser de maneira alguma", não é de surpreender que a Igreja continue insistindo com veemência na proibição de todo e qualquer aborto, independentemente das consequências que o nascimento possa ter para o próprio nascituro ou para seus pais.

refere-se à necessidade de assegurar a liberdade de escolha. Numa sociedade competitiva, que cultua a independência individual e padrões de beleza física estereotipados, o aborto por razões genéticas pode transformar-se de um "direito" em um "dever", criando uma tremenda pressão para que todos tenham bebês "perfeitos". Se se quer preservar a liberdade de opção, ao mesmo tempo que se ofereça a possibilidade de escapar à inevitabilidade biológica de uma criança deficiente, é preciso que se preserve a possibilidade de escolher ter um filho deficiente.

### A DIFERENÇA, VULNERABILIDADE

Há outros argumentos. Um deles afirma que a eliminação da deficiência nos privaria da convivência com a diferença e a vulnerabilidade. No entanto a vulnerabilidade será inerente à condição humana enquanto formos mortais, e o risco da mesmice está mais ligado à cultura de massas do que a manipulações biológicas. Outro argumento afirma que a definição do que constitui deficiência grave é arbitrária e portanto corre-se o risco de abrir portas a medidas eugênicas racistas como as adotadas por Hitler. Porém, o fato de que — há mais de quatro décadas — o nazismo tenha ousado recorrer ao genocídio mostra que não é a tecnologia disponível, e sim os valores prevalecentes, que determinam a orientação das políticas e os limites aceitáveis. Horrores desta natureza não são evitados por restrições à tecnologia mas sim por uma democratização da sociedade. E esta passa tanto pela ampliação dos canais de participação e decisão, quanto pelo fortalecimento de movimentos sociais que se organizem eficientemente para fazer valer seu ponto de vista. Nós mulheres somente poderemos ter impacto nas decisões que são tomadas sobre aspectos fundamentais de nossas vidas se assumirmos a responsabilidade de nos informar o mais amplamente possível para fundamentar a atuação no espaço político que buscamos conquistar.

<sup>1</sup> Exame realizado com o líquido amniótico.

Carmen Barroso é pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo.

**ZULAIÊ  
COBRA  
RIBEIRO**

Deputada  
Federal  
n.º 1.539  
PMDB - SP



#### Luta para:

Que o Planejamento Familiar seja um direito comum a todos os Brasileiros,  
Que, na Constituição, Homens e Mulheres tenham seus Direitos igualmente reconhecidos,  
Que se faça uma Constituição digna do Povo Brasileiro.

**ISABEL  
HIRATA**

Deputada  
Estadual  
n.º 23.256 PCB



Na Constituinte  
nossa briga é:

Reforma Agrária  
Estabilidade no emprego  
40 horas semanais  
Liberdade e autonomia sindical  
Manutenção do congelamento dos preços  
Reposição das perdas salariais  
Ensino Público e gratuito para todos  
Em defesa da Previdência Social  
Estatização do transporte coletivo  
Paz mundial e soberania dos povos.

# Naldinho, o nosso guri

Emir Sader

*De pequeno príncipe a pixote, a identidade social do menor carente e abandonado é um dos muitos escândalos que povoam este país. É crime ser menor negro e pobre, nas ruas das grandes cidades brasileiras.*

Para quem ficou 13 anos fora do Brasil, entre o tanto que mudou, o que mais se transformou foi a imagem da criança. Isso me veio primeiro da leitura de Feliz ano velho, depois ao assistir Pixote, mais diretamente ao trabalhar durante 14 meses na Febem (Fundação para o Bem-Estar do Menor, SP).

Em setembro de 1969, quando Naldinho nascia, a sociedade ainda não havia construído a imagem do "trombadinha", o problema da infância remetia à questão educacional, a criança pobre denunciava o pano de fundo de miséria em que transcorria o caminho da Nação em direção ao seu "progresso".

Muita coisa já tinha mudado quando, aos oito anos, Naldinho presenciou a morte do pai, no bar de sua propriedade, assassinado à queimadura por assaltantes. O futuro havia chegado ao pai e a angelical figura da criança começava a cindir-se irremediavelmente. O "pequeno príncipe de cuja boca só sai a verdade", o "depositário do melhor da humanidade", o "sentimento do futuro", o símbolo social e literário da ingenuidade, da pureza, mostrava o seu avesso, refletido num novo tipo de pesadelo: o encontro com um menor, numa rua escura, com a ternura protetora substituída pelo pânico, a fuga, quando não o gesto violento "preventivo".

### A imagem do pixote

Toda imagem social é construída, mudam os meios de sua elaboração. No caso da dramatização da violência, ela buscou substituir funcionalmente o argumento do combate à subversão como forma de fortalecer os mecanismos repressivos, pelo dos perigos à propriedade. O escândalo das 180 denúncias de roubo de carro por dia na grande São Paulo tem um eco incomparavelmente maior nos ouvidos indefesos da população, em relação às 205 denúncias diárias de violência contra mulheres — dado ainda deflacionado, visto que, mesmo não acreditando na eficiência da polícia, a denúncia do roubo de auto permite apelar para o seguro, e as mulheres ainda não denunciavam todas as violências que sofrem. O crime contra o patrimônio prima sobre a violência contra a pessoa, porque "a única criminalidade que aparece como perigosa é aquela onde se manifesta uma ruptura com a ideologia dominante, ou seja, o roubo de veículos, por atentar contra a propriedade privada; o uso de bebidas, à produtividade; a liberdade sexual, às estruturas familiares; o vandalismo, às leis de submissão".

A transição tutelada militarmente da ditadura à democracia encontrou seus argumentos decisivos para manter e multiplicar os aparatos repressivos na extensão da delinquência, onde o elemento novo foi a construção da imagem do pixote. Chegou assim o dia em que foi se reconhecendo como "um estranho" a criança que havia sido escuraçada do mecanismo seletivo do mercado capitalista.

Esse gesto que proscreve tinha, sem dúvida, outro alcance: ele não isolava estranhos desconhecidos, durante muito tempo evitados por hábito; criava-os, alterando rostos familiares na paisagem social a fim de fazer deles figuras bizarras que ninguém reconhecia mais. Suscitava o Estrangeiro ali mesmo onde ninguém o pressentira.

Quem diria que um dia essas afirmações de Foucault sobre a arqueologia do banimento da loucura viessem a calçar direitinho no mecanismo de geração da imagem do menor infrator entre nós. O delinquente e o louco são os outros, basta constatar



ROSA GAUDIANO

no Aurélio como não existe o verbo delinquir na primeira pessoa singular do presente. A propriedade e a saúde mental são minhas, como o bom senso.

### O problema maior

Os 36 milhões de menores carentes — a metade dos 70 milhões de brasileiros que Hélio Jaguaribe lembrou que vivem na miséria — e os sete milhões e 200 mil abandonados se constituem no mais escandaloso dos problemas em um país povoado de escândalos. Com o agravante de que, ao contrário das mulheres, dos negros, dos índios, dos homossexuais, dos idosos — outras minorias políticas —, as crianças e jovens pobres não tiveram até aqui capacidade de se organizar para ser sujeitos de suas próprias lutas. Como, por exemplo, a criação de uma Delegacia de Proteção do Menor, nos mesmos moldes da existente em relação à mulher, onde fatos como as violências que sofrem em casa, na Febem, na polícia, na rua, sejam denunciados e apurados. E onde se dê a devida importância à criminalização do fato de se ser menor negro e pobre nas grandes cidades brasileiras, responsável por que, apenas entre os dias um e 15 de abril deste

ano, pelo menos 35 menores fossem assassinados na grande São Paulo.

Enquanto isso, para nenhuma força política ou social, partidária ou sindical, o problema do menor é prioritário. Seja porque o espesso horizonte eleitoral não deixa ver além do calendário de eventos de que os menores estão aliados, seja porque o liberalismo tem um ideal de cidadão abstrato — adulto, homem, alfabetizado, urbano, heterossexual — ou seja porque esses menores estão até por baixo da classe operária, são filhos do subproletariado. O certo é que os nossos guris estão em guerra com a nossa polícia, à caça dos nossos automóveis e das nossas melancias.

Mas Naldinho — o inimigo número um da ordem pública — está morto, os assaltos a banco diminuíram, a inflação "terminou": o caminho está pavimentado para a democracia eleitoral — da qual estão excluídos os 60% de brasileiros que têm menos de 18 anos, dos quais menos de um terço chegarão um dia a tirar título de eitor e decidir livremente sobre um mundo em que o problema do menor continuará sendo o maior.

Emir Sader é professor de Política na Universidade de São Paulo.

## DULCE PEREIRA CARDOSO

A Estrela Negra do PT/SP  
Constituinte N.º 1.302

Mulher, negra, mãe, trabalhadora, feminista. Arquiteta, produtora e apresentadora de TV na luta com garra. Força negra, força mulher. Pelo direito à vida, ao amor, às diferenças, ao trabalho, à livre expressão, à saúde, à comida, à escola, à cultura, ao meio ambiente saudável, sem ameaça nuclear.

## Pela cidadania plena para a mulher e o negro



## ÉLIA GONZALEZ

Deputada Estadual  
PDT n.º 12114

Rua Marechal Floriano, 143  
Sala 1106 — Tel.: 253-9216  
CEP 20080 Rio de Janeiro — RJ



Iremos à Constituinte dando as cartas e escancarando portas...  
Passo a passo, abriremos espaços e a chave é CLARA CHARF.



PARA DEPUTADA FEDERAL 1390  
Governador Suplicy Senador Bittar  
Vice Azevedo Senador Bicudo  
Comitê: R. Cardinal Arco Verde, 680 Tel. 681.7371

## THEREZA SANTOS

Deputada Estadual n.º 15.179  
PMDB - SP



Mulher luta, mulher trabalha, mulher também é candidata.

NEGRA. Professora. Formada em Filosofia. Teatróloga e escritora. Membro do Conselho Estadual da Condição Feminina e fundadora do Coletivo de Mulheres Negras.

## O direito à escolha sexual

Rosely Roth

Nós, do Grupo Ação Lésbica-Feminista (GALF), único grupo do Brasil integrado somente por mulheres lésbicas, estamos lutando, com os grupos de homens homossexuais de todo o Brasil, pela inclusão de um item, na futura Constituição, que criminalize a discriminação por orientação sexual. Sabemos que a Comissão Provisória de Estudos Constitucionais da Presidência da República utilizou, em seu anteprojeto para a Constituição, os termos "qualquer particularidade ou condição social" para englobar a discriminação aos homens e mulheres homossexuais. Com os grupos que integram o Movimento Homossexual Brasileiro, enviamos cartas a esta comissão discordando dos termos escolhidos por serem muito genéricos e, portanto, inadequados para combater a **opressão específica que nos atinge.**

Acreditamos que a questão da sexualidade está relacionada com a totalidade da vida do indivíduo e com a existência ou não da democracia nas relações sociais cotidianas, o que implica o direito de expressarmos abertamente as nossas diferenças individuais e/ou coletivas em qualquer nível. Neste sentido, consideramos a questão da sexualidade pertinente à luta do povo brasileiro por melhores condições de vida e de interesse de todas as pessoas comprometidas com a construção de uma sociedade sem nenhuma espécie de opressão e discriminação. Esperamos contar com o apoio de todos os grupos e indivíduos, em especial a dos(as) candidatas(as) à Constituinte, **nesta luta pela inserção de um item na Constituição que criminalize a discriminação por orientação sexual** e nos permita lutar contra a repressão no trabalho, nas escolas, hospitais, clínicas médicas, prisões, delegacias, nos casos de adoção e/ou custódia dos filhos e na relação médico-paciente. Em São Paulo a atual vereadora do PT, Iredê Cardoso, candidata a Deputada Federal, é a colocar claramente, no seu programa, esta reivindicação. Esperamos melhorar este quadro eleitoral. Além destes pontos, como mulheres lésbicas especificamente, acreditamos na importância da Constituição garantir a não discriminação salarial por razões de sexo, cor ou orientação sexual; a criação de creches estaduais e de delegacias da mulher em todos os bairros; a assistência integral à saúde da mulher na infância, adolescência, maturidade e velhice e não vinculação nos livros didáticos dos estereótipos sexuais que degradam a imagem da mulher, bem como da heterossexualidade como a única vivência "normal" e válida.

Assumimos também as lutas pela proteção ao meio ambiente; pela preservação e demarcação das terras indígenas; pela não instalação de novas usinas nucleares, com o desativamento progressivo das já existentes; pela criminalização de toda e qualquer discriminação devido à cor, raça, sexo, orientação sexual, deficiência física, convicções políticas e/ou religiosas existentes em qualquer instituição ou relação social e pela descriminalização do aborto.

Rosely Roth é paulista e pós-graduada em Antropologia na PUC.

16 MULHERIU

Agora,  
a luta decisiva dos  
**ÍNDIOS**  
na Constituinte



## Os problemas dos índios, por eles mesmos

*"Está na hora do índio descer das prateleiras dos museus e caminhar junto ao movimento popular em busca da democracia."*

Eliane Potiguara

Os resultados da colonização trouxeram perdas muito grandes para as nações indígenas, bem como a descaracterização de costumes diários. Nesses costumes estão envolvidas questões referentes à educação, à saúde, à agricultura e à própria cultura dentro das comunidades.

A mulher indígena tem a função primordial e política de gerar o elemento novo - o filho -, transmitindo cotidianamente a cultura de seus antepassados. Cabe à mulher essa transmissão.

Se a população indígena recebe constantemente educação e assis-

tência sanitária voltadas para a cultura da sociedade envolvente, e claro que o resultado cultural ficará atingido pela cultura introduzida, chocando-se com a existente; além disso, o fluxo de doenças trazidas pela população (médicos, professores, sanitaristas, antropólogos, missionários, curiosos, equipes de TV, etc.) é altamente destruidor às populações indígenas. Ultimamente há doenças dentro das áreas que só se consegue curar com antibióticos e vacinas. As ervas e curas pelos pajés, recursos utilizados para a cura natural do índio dentro de seu ambiente, têm sido substituídas pela medicina alopática.

A mãe que outrora saberia, rapidamente, sanar a doença de seu filho com a medicina natural, hoje necessita de iodeto de potássio, gotas, e muitas vezes médico para fazer o parto!

A participação política da mulher indígena é altamente valorizada dentro das comunidades e diante das constantes invasões ela tem reagido guerreiramente ao lado dos companheiros. Recentemente as mulheres Kaiapó do Sul do Pará pegaram em facões para defender suas terras contra os invasores.

**Os "grandes" projetos**

Nas periferias dos grandes projetos (mineradoras, indústrias petrolíferas, hidroelétricas, estradas!), forma-se ali um concentrado de pessoas que vão "iludidas" à procura de trabalho. Servem de mão-de-obra barata e até escrava, porque se endividam para a sua sobrevivência nas famosas "cantinas" e no final do mês quase não têm o que receber. Os índios são levados nessa procura e algumas mu-



## GUIOMAR: UMA MULHER DE CORAGEM

Guiomar de Mello, candidata a Deputada Estadual pelo PMDB de São Paulo, sempre acreditou que a Educação é matéria obrigatória para uma vida melhor e que todos devem ter voz ativa neste debate. Comprometida com a construção de escolas, politicamente envolvidas com os interesses populares, sem perder de vista a eficiência e a seriedade do ensino básico, ela fez da Educação sua área de atuação política e profissional, abrindo o debate para problemas mais amplos.

O seu depoimento, em 1976, no Senado, é testemunho disto: denunciou a desigualdade de tratamento sofrido pela mulher na Educação e no trabalho. Por isso, Guiomar vem recebendo o apoio dos mais diversos segmentos da população e a força das mulheres. Prova disto é o depoimento de Maria da Conceição Tavares, economista e membro da Executiva Nacional do PMDB que resume a trajetória de Guiomar: "A militância política e a vida profissional de Guiomar de Mello são marcadas pela luta contra a discriminação e melhoria da educação, especialmente a das crianças das camadas populares. Professora universi-

tária, autora de vários livros, militante do MDB e, depois, do PMDB, atualmente membro da Executiva Estadual do PMDB e candidata a deputada estadual, Guiomar de Mello tem revelado coragem para por em prática os ideais que sempre defendeu."

Como Secretária de Educação do Município de São Paulo, em três anos, Guiomar construiu 74 novas escolas, abriu 178 mil vagas na pré-escola e 1.º grau, criou o curso noturno em 54 escolas municipais, aumentou em 240% as vagas dos cursos supletivos e melhorou a qualidade da merenda. Com a reestruturação da carreira, aumentou os salários dos professores e especialistas, realizou concursos para professores e especialistas e colocou em ação os Conselhos de Pais, Professores e Alunos.

Agora, Guiomar conta com o seu voto para garantir no Legislativo melhores salários e condições de trabalho, mais vagas nas Universidades Públicas, mais creches para trabalhadores, melhoria na qualidade de vida de todos, mais apoio que assegure à mulher sua plena realização e igualdade entre homens e mulheres.

**As Mulheres Perguntam:**  
Como Deputada Estadual, qual o seu compromisso com a mulher?  
**E Guiomar responde:**

"Embora minha candidatura se origine na área educacional, ela não está restrita somente a esse ponto. É preciso defender a mulher, para que ela possa desempenhar plenamente seu papel de trabalhadora, cidadã e mãe, responsável pelo futuro do país. Mulheres e homens, educadores ou não, nós todos sabemos que Educação é a grande lição da democracia."

**DEPUTADA ESTADUAL  
Nº 15.173 - PMDB/SP**

ESCRITÓRIO POLÍTICO:  
RUA JOAQUIM FLORIANO, 1.098 - SOBRELHOJA 4  
CEP 05434 - TEL. 852-7374 SÃO PAULO-SP

**GUIOMAR  
DE MELLO**  
*Educação melhor  
para todos*

# POLÍTICA

heres, entregues ao desespero, introduzem-se paulatinamente na prostituição, atendendo àquela clientela recém-formada, originária de várias regiões do país. Nestes núcleos, onde reinam as multinacionais, a miséria é enorme e os indivíduos fazem qualquer coisa para sobreviver. Ali há tráfico de drogas, há doenças infecto-contagiosas como a tuberculose, a malária, o sarampo (que atinge as crianças, frutos deste fenómeno), doenças venéreas e a famosa febre do ouro. Os índios, que têm uma medicina milenar através das ervas, são obrigados a procurar hospitais e fazer uso de uma medicina estranha à sua, pois muitas aldeias estão situadas no perímetro das invasões das diversas multinacionais - como por exemplo a Petrobrás, a Paranaparna, a Codesaina, a Companhia Vale do Rio Doce, a Elf-Equitaine e centenas de hidroelétricas nas bacias do complexo amazônico, e ainda nas bacias do complexo dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. Ao lado disso, há as rodovias que cortam desrespeitosamente as áreas indígenas - como a Perimetral Norte, a rodovia Transamazônica, a Br-364 (Porto Alegre/Cuiabá), a Br-010 (Belém/Brasília), a Br-165 (Cuiabá/Maunus) e muitas e muitas outras.

## Incapacidade?

No Código Civil, o índio é considerado menor de idade e classificado como tendo capacidade relativa. Há, nas diversas nações, lideranças dotadas de extrema consciência de seus direitos e da situação sócio-política deste país. Em 1983, o índio guarani Marçal de Sousa entregou um documento informando ao Papa João Paulo II as arbitrariedades ao índio. Tempos depois foi barbaramente assassinado e seu assassino e mandante continuam impunes!

Angelo Kretã, primeiro vereador índio, também foi assassinado. Em 1985, mulheres e crianças foram espancadas, tendo suas casas violadas e queimadas no sul do Mato Grosso. Muitas e muitas arbitrariedades são cometidas contra as populações indígenas sem nem mesmo a imprensa dar a elas a devida importância.

Por que essas violências? Porque nós, mulheres e homens indígenas, queremos as nossas terras identificadas, demarcadas e homologadas. Como isso não acontece, então lutamos e reivindicamos os direitos que são nossos e históricos.

Mulheres como Ingreñiê do Gorotire, Ângela Moura (da nação Tukano), Dona Marta (Kaiowá), Quitéria (Pankararé) e Inê Karaiá são mulheres que vêm honrando os seus ancestrais na combatividade indígena. Outras mulheres, no seu silêncio e anonimato do dia-a-dia, vêm construindo um futuro melhor para os nossos filhos.

Então, que incapacidade é essa instaurada no código civil?

## Lento Genocídio

Em todo o continente nacional,

existem 180 nações (micronações) e 130 línguas. Trinta e um povos indígenas perderam a sua língua de origem.

A colonização européia, e a néo-colonização, conseguiram assassinar nestes quatro séculos cinco milhões de índios brasileiros! Vê-se neste país governos tombarem monumentos feitos de cimento árido e não se vê respeitarem o maior patrimônio histórico dessa território, que é o índio brasileiro! Vivemos num país onde primeiro se mata, depois homenageia-se! Nesta década, o governo do Estado do Rio Grande do Sul tombou e homenageou as Ruínas das Missões (Os Sete Povos das Missões). Mas os povos Kaiang e Guarani (RS) - o que sobrou de um massacre brutal, arquitetado pelo Marquês de Pombal ainda no século XVIII - vivem na miséria, à mingua e às catas.

As principais reivindicações que as mulheres indígenas vêm fazendo dentro das comunidades, fora das comunidades e no próprio movimento indígena são: 1. A nossa participação (homens e mulheres) na elaboração da nova Carta Magna, com interesses radicalmente voltados para as comunidades indígenas. Repudiamos leis bonitas e engavetadas; 2. Exigimos a imediata demarcação das terras indígenas (ato que deveria ser concretizado e tora prometido em 1978 e até agora nada!); 3. Reivindicamos a revogação do decreto 88.985/85, que autoriza empresas mineradoras a explorar minérios em áreas indígenas, decreto este desconhecido pelo atual presidente da Funai; 4. Reivindicamos a recuperação de nossas terras roubadas por fazendeiros e latifundiários; 5. Reivindica-

mos o usufruto das riquezas do solo e subsolo de nossas terras; 6. Reivindicamos o respeito pela autodeterminação dos povos indígenas, o respeito à nossa cultura e língua; 7. Reivindicamos a revogação do decreto do artigo 88.118 que tira do órgão tutelar (Funai) a competência de resolver as questões referentes às terras indígenas e dá essa competência ao Mintar (Ministério do Interior) e ao MEAF (Ministério de Assuntos Fundiários). Esse decreto dá também autoridade à polícia militar de demarcar nossas terras; 8. Reivindicamos o respeito às nossas mulheres índias, que são fonte da vida indígena. Sem as mulheres nossa cultura e nossas tradições sucumbirão diante do massacre cultural e do genocídio sutil que se vai alastrando como fantasma às nações; 9. Daremos todo apoio à Reforma Agrária desde que respeite as áreas indígenas, porém temos consciência de que essa reforma agrária está sendo feita para agradar a UDR e a modernização do meio rural; 10. Apoiamos a luta dos trabalhadores rurais, a luta dos Sem-Terra, a Campanha Nacional pela Reforma Agrária organizada pelos movimentos populares e exigimos o reconhecimento político de nosso movimento indígena: a UNI (União das Nações Indígenas); 11. Exigimos o fim da violência no campo; 12. Almejamos a formação de quadros profissionais índios para trabalharem dentro das comunidades nas áreas de saúde e educação, agricultura, higiene etc., e na elaboração dos projetos governamentais; exigimos a presença do índio porque a realidade do índio só o índio conhece.

Queremos, nós, conduzir os nossos destinos com nossas próprias mãos, catar os nossos cacós. Está na hora do índio descer das prateleiras dos museus burgueses, deixar de ser folclore e caminhar junto ao movimento popular, em busca de uma DEMOCRACIA.

Eliane Potiguara é filha da nação indígena Potiguara, é professora e coordena o projeto cultural "O Índio conta a sua história" na UNI. Guarda publicação de seus livros "A Luta e Resistência Indígena" e "Sepé Tiarajú".

## Corrigindo

A legenda da foto de Léia Gonzales que saiu no Mulher n.º 24, p. 15 onde se lê deputada federa, leia-se deputada estadual.

## Irede Cardoso

Deputada Federal

n.º 1353

PT/SP



Contra as idéias da força, a força das idéias

Irede Cardoso, vereadora do PT, em São Paulo, nasceu em Jundiá (SP), onde cursou até o Normal, no Instituto de Educação de Jundiá. Já em São Paulo, formou-se em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Fez o Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social na PUC, tornando-se, depois, Mestre em Psicologia Social.

Foi professora de Filosofia do Colégio Aplicação da USP e no Curso Santa Inês. Lecionou na Universidade Mackenzie e FIAM.

Mas o jornalismo já era, nessa época, como o magistério, uma verdadeira paixão. Como jornalista, trabalhou na Editora Abril e depois na

Folha de S. Paulo, da qual é repórter licenciada e onde manteve colunas semanais sobre Educação e Feminismo.

Foi editora geral do programa "TV MULHER" da Rede Globo.

Viajou por vários países, procurando sempre apreender, das diversas culturas, dados que enriquecessem seu amplo acervo intelectual de jornalista e militante feminista.

A convite e sob os auspícios da ONU, fez o roteiro e a produção do filme "Mulher Brasileira, Sua Luta, Sua Libertação".

Tem 3 livros editados; **Mulher e Trabalho, Os Tempos Dramáticos da Mulher Brasileira e Os Direitos da Mulher na Nova Constituição**. Atualmente, como jornalista, está

no programa **A Mulher dá o Recado - TV Record**, que vai ao ar diariamente das 09:00 às 11:00 hs.

Como vereadora, coloca seu mandato a serviço dos movimentos sociais.

Seu gabinete sempre esteve à disposição dos movimentos grevistas. Criou e presidiu a Comissão Especial de Inquérito para investigar a violência sobre a mulher na cidade de São Paulo. É autora do projeto, agora lei, que cassa alvarás de estabelecimento que pratiquem discriminações de cor ou sexo.

Candidata a Deputada Federal pelo Partido dos Trabalhadores, eleita, juntará forças na luta das mulheres por seus direitos.

CLARA ANT

Deputada Estadual n.º 13.130

PT - SP

Clara Ant é arquiteta, integrante da Direção Nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT) desde sua fundação, vice-presidente da Federação Nacional dos Arquitetos, professora da PUC de Campinas e está na luta dos trabalhadores desde 1966.

Governador: Sulpício n.º 13 Senadores:

Bicudo n.º 131 Bittar n.º 132





# Feminismo : um olhar para dentro

*O feminismo brasileiro começa a olhar com cuidado para seus impasses. Aqui, as reflexões de uma pesquisadora, a partir do 8.º Encontro Nacional Feminista.*



**E**ste artigo pretende contribuir para um processo de reflexão que tanto precisamos, e gostaria que servisse como ponto de partida para uma troca permanente de idéias sobre o feminismo e em especial sobre o movimento feminista brasileiro. O 8.º Encontro Nacional Feminista, que aconteceu de 7 a 10 de agosto em Petrópolis, RJ, trouxe à tona algumas questões que gostaria de começar a discutir aqui.

Por um lado, o crescimento do número de participantes, que de 150 no Encontro de Belo Horizonte passou para cerca de 700 em Petrópolis. Um primeiro fato a destacar é a penetração das idéias feministas em uma camada maior da população, em especial mulheres em encontros anuais. Isto é importante na medida em que as colocações que as feministas faziam, de que "a questão da mulher" ou "problemática feminina" não se restringia a problemas sentidos e vivenciados por mulheres somente de determinada classe social, começa a se tornar realidade. Por outro lado, é necessário que as feministas comecem a pensar nas formas do movimento absorver e trabalhar este crescimento. Não se pode manter o movimento feminista em encontros anuais. Estes encontros são importantes, mas devem resultar de uma permanente atuação e reflexão do movimento. No meu entender, a tentativa correta de não se reeditar formas e organismos rígidos e burocráticos leva muitas vezes o movimento feminista e os grupos feministas a se tornarem excessivamente dispersos. O discurso feminista que propõe a solidariedade entre as mulheres, estruturas não hierarquizadas, a quebra de relações de poder baseadas na opressão, faz com que muitas vezes não se coloquem de forma clara questões essenciais do movimento, pois a discussão pode mostrar que esta solidariedade não é tão forte assim, que na verdade, apesar de se defender a diversidade e o direito à

diferença, na prática muitas vezes se tenta impor posições e visões acerca do que é o feminismo e do que é ser feminista.

Um exemplo disto é a dificuldade que o movimento tem de tirar no seu encontro qualquer tipo de resolução ou posturas mais globalizantes. Por um lado isso se justifica para não cair na definição de linhas rígidas para o movimento (o que acho correto, na medida em que se tem claro que não existe O feminismo e sim os feminismos).

Mas por outro lado entendo que se "foge" de plenárias ou "plenárias ligeiramente livres", como foi chamada a do 8.º Encontro, com medo de que todo o discurso sobre a solidariedade do movimento feminista caia por terra. Se tem medo do conflito, pois não se consegue ainda trabalhar as diferenças de uma forma democrática, aceitando a tão falada diversidade. Nesse sentido a "saída" que o movimento encontrou foi não enfrentar de peito aberto as diferenças.

É interessante perceber que de certa forma isto também pode significar ou estabelecer uma relação de poder diferenciado entre as feministas, na medida em que só as mais "antigas" no movimento, que vivenciaram os "rachas" e as disputas mais acaloradas, têm uma compreensão profunda das diferentes visões e até mesmo das práticas existentes dentro do movimento feminista brasileiro.

É claro que procuro entender que a construção de uma nova prática é lenta, e acho inclusive que o movimento feminista passa hoje por um momento importante de reflexão. Me explico melhor. Até bem pouco tempo atrás, o discurso do movimento feminista apontava e criticava as posturas autoritárias dos partidos políticos, dos sindicatos, as relações de poder e dominação que existiam nos movimentos sociais e dos homens sobre as mulheres, a hierarquização e verticalização dos grupos e organizações, a falta de

solidariedade, a tendência à homogeneização das idéias etc. Em contrapartida propunha uma forma de se organizar descentralizada, que convivesse democraticamente com a diversidade, que fosse horizontal e sem hierarquias, trabalhando com base na solidariedade entre as mulheres. Durante algum tempo, se acreditou que o movimento feminista era assim. De uns tempos para cá as feministas começam a olhar para dentro, a ver que tudo aquilo que se criticava nos partidos e nos outros movimentos sociais ou grupos de alguma forma organizados, em suma, nos outros, também existia em nós mesmas.

Que na verdade os grupos feministas não eram tão democráticos assim, que existiam estruturas e relações de poder bastante fortes dentro dos grupos e entre as feministas e que inclusive a informalidade dos grupos muitas vezes tornava mais difícil a localização e o combate a este poder. Que a solidariedade tão falada nem sempre era praticada, que éramos bastante autoritárias etc.

Isto levou a um certo impasse no movimento e à desestruturação de alguns grupos, mas no meu entender esta parada, desde que resulte em discussões e reavaliações, é positiva. Positiva na medida em que pode possibilitar um aprofundamento das propostas do movimento feminista. Deve-se, além de propor a quebra do autoritarismo dos outros, exercitar a quebra do nosso autoritarismo (enquanto pessoa, enquanto grupo e enquanto movimento) e isso não é tarefa fácil.

## Sonia Malheiros Miguel

Sonia Malheiros Miguel, historiadora, vive em Florianópolis e está escrevendo sua dissertação de mestrado "Feminismo: um olhar para dentro", na área de Sociologia. Com o mesmo projeto, foi ganhadora do 4.º Concurso de Pesquisa sobre Mulher, da Fundação Carlos Chagas.

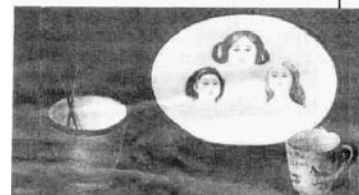
## Aborto descriminalizado

**R**ealizou-se em Brasília nos dias 11, 12 e 13 de outubro a Conferência Nacional de Saúde e Direitos da Mulher, promovida pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, Ministério da Saúde e Fundação Oswaldo Cruz com a participação de 1.200 mulheres, das quais 840 representantes de quase todos os Estados do País.

O documento aprovado pelas participantes reafirma a necessidade de se continuar lutando pela efetiva realização de uma Reforma Sanitária no Brasil, entendendo-se saúde, em seu sentido mais amplo, como o direito a trabalho, salário digno, educação, alimentação, moradia, meio ambiente livre de contaminação, lazer etc. Aprovou-se também a implantação imediata do PAISM, Plano de Ação Integrada à Saúde da Mulher, em todos os Estados brasileiros, e a unificação do sistema de saúde.

Depois de debates que avançaram para além do encerramento oficial da Conferência, as delegadas aprovaram a legalização do aborto, afirmando que nas condições em que ele ocorre no País se constitui em grave problema de saúde pública e saúde mental. Um exemplo vivo foi o depoimento de Maria Raimunda Teixeira, do Movimento de Defesa da Pessoa Humana do Maranhão e representante das prostitutas daquele Estado, ao relatar que, por falta de informação e acesso aos meios contraceptivos, ela e suas colegas fazem um aborto cada dois meses.

## De Luto por Selma



**S**elma Bandeira e Noraci Pedroza Mendes, esta última delegada do Ministério da Saúde em Alagoas, morreram em setembro último vítimas de um desastre de automóvel. Selma, médica e feminista, com pós-graduação em Saúde Pública, foi eleita deputada estadual em 1982 pelo PMDB e estava em campanha para uma vaga na Câmara Federal nas próximas eleições. Engajada em movimentos políticos desde o tempo de estudante, teve sua trajetória de vida marcada pela identificação com a luta dos trabalhadores. Presa política em 1974, em Recife, foi libertada pela Anistia em 1979. Retornando a Alagoas e com o apoio dos líderes sindicais e militantes de esquerda, disputou uma vaga na legislatura estadual. A criação da Delegacia da Mulher e do Conselho dos Direitos da Mulher, em Alagoas, devem-se em grande parte, ao seu empenho. Ultimamente vinha trabalhando pelo reconhecimento da posse das terras dos índios Wassu.

## Prostitutas I

Uma comissão de oito prostitutas (representando setenta) de Botucatu (SP) esteve em audiência com o vice-prefeito Joel Spadaro e com o secretário administrativo da Prefeitura, Cêlio Queluz, no mês de agosto. O encontro foi marcado pelas vereadoras Mara Fátima Correa (PT) e Maria Célia Canessin (PMDB), com o objetivo de solucionar o problema das mulheres que trabalham em bares de Vila Santana (arredores da cidade), ameaçados de fechamento "por contrariarem a lei", segundo autoridades locais. As prostitutas foram contra a proposta apresentada por Spadaro, de espalharem-se por casas de prostituição na cidade, reafirmando que preferem estabelecer-se em um só local, próximo ao aeroporto. Como resultado da reunião, um acordo: os bares continuam abertos, mesmo sem alvarás, e as prostitutas comprometem-se a não servir bebidas alcoólicas a menores de 18 anos e fechar os bares às 22h. A medida não acaba com o problema das prostitutas, conforme ressaltou a vereadora Canessin, porque "é uma questão de toda a sociedade botucatuense e esta deve participar da solução".



## Prostitutas II

Prostitutas de 16 países realizaram em outubro, em Bruxelas (Bélgica), a convite do grupo verde-alternativo Arco-íris do Parlamento Europeu, o seu 2.º Congresso Mundial. Participaram do evento cerca de 180 pessoas, entre prostitutas - inclusive meninas -, ex-prostitutas e profissionais diversos de ambos os sexos. Na abertura do Congresso, Margô St. James, americana fundadora do CIDP - Comitê Internacional pelos Direitos das Prostitutas - e presidente do evento, afirmou que "o mais importante é que mulheres - prostitutas e não prostitutas - saibam que os direitos dessa categoria são violados em todos os países". Margô denunciou ainda que o Estado assume o papel de alcoviteiro, recolhendo taxas sem garantir os mínimos direitos às prostitutas, e a polícia, por sua vez, reprime, chantageia, explora e espanca. A presidente do Congresso analisou as leis existentes em relação à prostituição, ressaltando que foram feitas com a intenção de proteger as "boas" mulheres das "más". "É importante que as 'boas' estejam ao lado das 'más' e percebam que tal distinção não existe", ressaltou. Transformar os direitos das prostitutas em assunto trabalhista deve ser a luta de todas as mulheres.

## Política I

O número de legislaturas estaduais de mulheres nos EUA triplicou desde 1969 e, na municipalidade, a partir de 1975. Atualmente com duas governadoras de Estado, para as próximas eleições há nos EUA duas candidatas para o Senado e 23 para deputado federal, sem falar das candidatas ao governo estadual, algumas já vencedoras das primárias em determinados distritos. O Estado de Nebraska, por exemplo, só oferece aos eleitores opções femininas para governador.

Os eleitores de Maryland terão, obrigatoriamente, que escolher entre duas mulheres para o Senado. O Partido Democrata lançou Barbara Mikulski, enquanto Linda Chávez - de origem hispânica - é a candidata do Partido Republicano. Esta disputa entre mulheres só ocorrerá uma vez na história do Senado americano, quando em 1960 ambos os partidos colocaram mulheres no páreo eleitoral de Maryland.

Em Connecticut, Arizona e Nova York, Julie Belaga, Carolyn Warner e Bella Abzug - militante feminista de longa data - reforçam o time. A primeira, republicana, e Warner, democrata, concorrem ao governo de seus respectivos Estados, enquanto a última, também democrata, tenta voltar à Câmara dos Deputados depois de uma temporada no Congresso.

Na Califórnia, a candidata à vice-governança é Norma Jean Almodar, do Partido Libertário. Norma é

prostituta - esteve presente no 2.º Congresso Mundial de Prostitutas, realizado recentemente na Bélgica - e sua plataforma condena a censura e a burocracia.

A família Kennedy, de tradição quase folclórica nos jogos políticos americanos, ataca também pelo lado feminino: Kathleen Kennedy, filha de Robert Kennedy, venceu as primárias num distrito de Maryland e será a candidata democrata ao Congresso, em novembro.

Analistas políticos afirmam que esta onda de candidaturas e vitórias femininas é, em parte, consequência da candidatura derrotada de Geraldine Ferraro à vice-presidência em 1984.

Paula Mageste

## Política II

Pode estar acontecendo na distante Noruega a mudança mais significativa nas relações da mulher com o poder.

Lá, a primeira-ministra, Gro Harlem Brundtland, ao contrário da sua colega de "ferro" Margaret Thatcher, levou para o governo a intenção declarada de promover e fortalecer a igualdade feminina. E começou por seu ministério de 18 membros, onde oito dos ministros são mulheres.

Ao lado de objetivos como conseguir que as mulheres possam se tor-



nar bispos na machista Igreja Luterana e que uma mulher tenha o direito de ocupar o trono norueguês, o governo trabalhista de Gro Harlem Brundtland pretende estender a licença-maternidade de 18 para 26 semanas até 1990 e adotou como regra que pelo menos 40% dos candidatos aos cargos públicos sejam mulheres.

Atualmente, das 157 cadeiras no parlamento, 34% são ocupadas por mulheres, muitas delas do partido do

governo: quase a metade (41%) dos parlamentares trabalhista.

Exercendo o seu segundo mandato, Gro Harlem Brundtland já foi chamada depreciativamente de "mãe" e "faladeira" por suas idéias feministas. Mas ela já afirmou que se sente muito fortalecida ao pensar que está lutando pelos interesses de todas as mulheres.

Cristina Mucci

## Bolivianas ocupam mina de estanho

As mulheres bolivianas têm sido um exemplo no Continente, e não só para as mulheres, mas para os homens também. Donas-de-casa simples, sem instrução, sem dinheiro, cheias de afazeres domésticos, tomam atitudes fortes, dignas, conscientes. No mês passado, ocuparam uma mina de estanho de Catavi, que fica a trezentos quilômetros de La Paz e pertence ao governo, e que foi fechada sob a alegação de que os preços do estanho no mercado internacional tornou algumas minas anti-econômicas. Com o ato do governo,

que até parece brasileiro, mais de quatro mil trabalhadores ficaram desempregados, e entraram em greve. O engenheiro José Montes, gerente geral da mina, deve ter percebido que as mulheres bolivianas não estão para brincadeira, pois ficou como refém delas, com a perspectiva de só ser libertado quando fosse atendida a reivindicação de que o governo enviase alimentos aos armazéns da empresa, remédios para os hospitais e ferramentas para a mina continuar funcionando.

Mouzar Benedito

### ASSINE CHANACOMCHANA

#### PUBLICAÇÃO SOBRE FEMINISMO E LESBIANISMO

FAÇA SUA ASSINATURA DE CHANACOMCHANA ENVIANDO CHEQUE OU VALE POSTAL, EM NOME DO GALT (GRUPO AÇÃO LESBICA FEMINISTA), PARA A CAIXA POSTAL 62.618 - CEP 01214 - S. PAULO\* ASSINATURA POR 4 N.ºs. Cz\$ 40,00 NÚMEROS ANTERIORES (8, 9, 10)..... Cz\$ 30,00 Chanacomchana é uma publicação quadrimestral do GRUPO AÇÃO LESBICA FEMINISTA que procura focalizar diferentes aspectos das vivências lésbicas bem como quebrar o muro de preconceitos que envolve e isola as mulheres lésbicas, criando uma rede de contatos, informações e apoio no Brasil e no Exterior. \*OS CHEQUES OU VALES POSTAIS DEVEM VIR EM NOME APENAS DA SIGLA GALT

União de Mulheres de São Paulo comemorando 5 anos de vida coletiva, solidária, de desejos e ações para um mundo de igualdade.



Rua Coração da Europa, 1395 Bela Vista - CEP 01314 - fone: (011) 36.2367

# ESTUDOS

## FILMES



□ **Meninas de um Outro Tempo** é um documentário recentemente concluído por Maria Inês Villares que tem como personagem central a mulher idosa. A proposta é dar espaço e voz para mulheres que se mantiveram caladas durante toda a vida, como diz Maria Inês: "Procurei na velhice a sabedoria e encontrei vaga lembrança, a rejeição, o isolamento, a discriminação. Vi que em nossa sociedade a velhice é abatida por toda sorte de opressão e espólio. Não bastassem as perdas físicas, é também imposta a solidão; e na esfera da morte, a brevidade."

□ **Meninas de Rua**, novo curta-metragem de Sandra Werneck, é um misto de cenas ficcionais com documentário realizado em vídeo e transportado para película. Na parte documental, a cineasta apresenta depoimentos das próprias meninas que circulam pelas ruas do Rio de Janeiro.

□ **A Rocinha Tem Histórias**, média-metragem de Eunice Gutman, documenta experiências comunitárias na área de educação na Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Ganhador de prêmios no Festival de Brasília, no Rio Cine Festival e ainda do Prêmio Margarida de Prata (da CNBB) em 1985, o filme procura mostrar que "apesar da miséria numa comunidade de mais de 200 mil pessoas como a Rocinha, existe vida ativa e alegre, com realização de reuniões, estudos de projetos educacionais e festas comunitárias", como conta Eunice.

As crianças da Rocinha contaram histórias que viraram livros — *Picolé, picolé, água pura ninguém quer e Gata Vitória caiu na lixeira e acabou a estória* —, atualmente utilizados como eficiente material didático na comunidade, devido à sua afinidade com o universo daquelas crianças.

□ **Igreja dos Oprimidos**, filme de Jorge Bodanski e da jornalista Helena Salem (autora do livro que originou o filme), trata dos conflitos de terra no Araguaia e da polêmica em torno das posições da igreja católica que, de aliada das camadas dominantes, passa a defensora da população carente.

No documentário, a fala de D. Marquilha, viúva de um posseiro assassinado; de Rosa e seu trabalho comunitário; e também de Pé de Ouro, um camponês que vive com a família em extrema miséria.

□ **Not a Love Story**, 60 min., é um filme que investiga os efeitos da indústria pornográfica sobre a vida da mulher comum, na família e no trabalho. Rodado nos Estados Unidos e Canadá pelas mulheres do Studio D do *National Filmboard* do Canadá, ele mostra o crescimento da violência nos filmes e revistas pornográficas.

□ **Speaking of Nairobi**, 70 min., do mesmo Studio D — criado em 1975 só para a realização de filmes sobre mulheres, por mulheres —, fala sobre a linha de feminismo político desenvolvida na Conferência de Encerramento da Década da Mulher, realizada o ano passado em Nairobi, Quênia.

Trazidas por representantes do Studio D presentes ao Seminário Mulher e Cinema ocorrido no último Festival de Gramado, em abril, as cópias estão em poder do Coletivo de Mulheres de Cinema e Vídeo do Rio, que está tentando conseguir recursos para subtitulá-los em português e copiá-los em vídeo. Informações com Edyalla Iglesias, fone (021) 225-4782.

## VIDEOS



□ **ANA C.**, de Cláudia Maradei. A poeta Ana Cristina César, que se suicidou em outubro de 83, aos 31 anos, e que é considerada um dos maiores talentos poéticos surgidos nos últimos anos entre nós, tem sua trajetória revivida através de depoimentos de amigos próximos, críticos e especialistas, e de atrizes interpretando seus poemas.

De Ana C. — como gostava de assinar — e seu trabalho, é revelada toda a sua apaixonada procura, o extremo refinamento, uma lucidez determinada e um grande e respeitoso compromisso com a vida.

□ **De Olho no Preconceito**, 18 minutos. Fúlvia Rosemberg desmascara os preconceitos contra negros e mulheres, dirigindo-se a um público infanto-juvenil.

**Uma Menina de Dez**, 10 minutos. Carmem Barros toca no delicado assunto da gravidez na adolescência, discutindo o problema através dos personagens.

Informações para empréstimo no Conselho Estadual da Condição Feminina (SP), fones (011) 852-1750/280-0900/280-1188.

□ **Creches**, 20 min. (U-Matic/NTSC), vídeo realizado por Márcia Meireles e Silvana Afram, da Lilith Vídeo, com trabalho de pesquisa da Comissão de Creche do Conselho Estadual da Condição Feminina, focaliza a creche no local de trabalho e de moradia como um direito da criança de zero a seis anos que deve ser assegurado pelo Estado.



## FESTIVAIS

□ O Videobrasil, realizado em agosto em São Paulo, premiou três vídeos de mulheres: *Hia Sa Sa-Hay Yah!*, de Olga Futemma, *Contrário ao Amor*, de Jacira V. de Melo, e *O Mergulho*, de Marina Abs.

Em *Hia Sa Sa*, 30 min. (U-Matic/NTSC), ganhador do Grande Prêmio, Olga fala dos okinawanos — imigrantes japoneses — em São Paulo e da transformação sofrida pela cultura das minorias.

**Contrário ao Amor**, prêmio de Melhor Documentário, reúne depoimentos de mulheres a respeito de espancamentos, carência e desamor de maneira irônica e bem humorada, desembocando nas Delegacias de Mulheres.

**O Mergulho**, prêmio de Melhor Experimental (U-Matic), compara o tempo real da ação e o tempo do pensamento.

Na seqüência das premiações femininas, **Ilha Catarina - Mulheres e Meninas** foi considerado o melhor vídeo na XIV Jornada do Curta Metragem de Salvador, realizada em setembro. O vídeo, de 20 min., de Lena Bastos, Luiza Gomes Smith e Carmem Lúcia Luiz, discute a menopausa e os ciclos da mulher da infância à velhice.

□ **A mostra Olhar Feminino**, realizada dentro do **Fest-Rio**, (22 a 29 de novembro, RJ), com filmes e vídeos de realizadoras, terá este ano uma exposição paralela de cartazes e stills de filmes de mulheres, organizada pelo

**Núcleo de Estudos Feministas da UFRJ** num espaço "amoldurado" por neons de Tetê Simões.

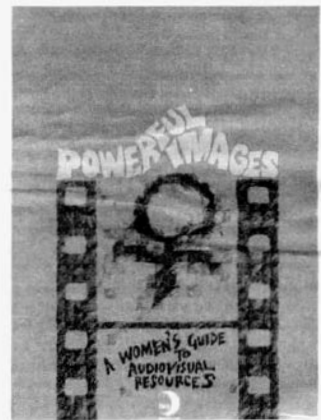
O Núcleo apresentará também um catálogo de filmes realizados por mulheres no Brasil, chamado *Quase Catálogo*. Por ser uma primeira tentativa de reunir trabalhos femininos, deverá estar incompleto: o **Catálogo** mesmo fica para o ano que vem. Uma mesa-redonda para discutir o "Olhar Feminino no Cinema" encerra a programação.

□ O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) está organizando uma **Festival de Vídeo** para comemorar o 8 de março de 1987. Será uma mostra competitiva nacional de vídeos sobre a mulher, a ser realizada em local ainda não definido em Brasília (DF), nos dias 6, 7 e 8. Paralelamente ao Festival haverá um encontro das realizadoras para discutir problemas como capacitação profissional, produção e distribuição.

Informações no CNDM com Rita ou Vera, fones (061) 225-6049 e (061) 226-8015 r. 122/128. Em São Paulo, com Maria Angélica: (011) 288-8039.

Acontece em dezembro próximo o **festival de Cinema de Havana**, Cuba, acompanhado de um seminário sobre **La Mujer en el Mundo Audiovisual**. Os organizadores do seminário pediram auxílio à Cinemateca Brasileira e à Embrafilme no sentido de coletar informações sobre cineastas brasileiras e suas filmografias.

## LIVROS



□ **Powerful Images, e Women's Guide to Audiovisual Resources** (Imagens Poderosas, um Guia de Mulheres para Recursos Audiovisuais) é um livro do Isis Internacional, grupo com sede em Roma, Itália, e Santiago, Chile. Belamente editado e ilustrado, traz informações compiladas em dois anos de pesquisa, referentes a mais de uma década de experiência acumulada por mulheres em vários continentes na área da imagem.

O tema é tratado de várias perspectivas, "combinando artigos sobre o papel político dos audiovisuais no crescimento do movimento de mu-

heres no mundo, a experiência de grupos do Terceiro Mundo ao fazer e usar audiovisuais, sugestões práticas sobre equipamento, técnicas de produção e trabalho com audiência, e um catálogo de mais de 600 audiovisuais, praticamente todos produzidos por mulheres". Inclui ainda vídeos, filmes e outros tipos de mídia que combinam imagem e som.

**Informações com Isis Internacional:** Via Santa Maria dell'Anima, 30, 00186 Roma, Itália; ou Casilla 2.067, Correo Central, Santiago, Chile, fone 490-271.

□ **A Mulher e a Constituinte**, Silvia Pimentel, SP, Cortez Editora, 1986. Co-autora, com Florisa Verucci, do Novo Estatuto Civil da Mulher, a advogada Silvia Pimentel faz neste livro um estudo comparativo dos artigos relativos às mulheres em Constituições de 29 países, além de analisar o tratamento dispensado às mulheres nas várias Constituições brasileiras. Traçando um panorama da ampliação dos direitos femininos na última década, a autora ressalta que a consolidação dessas conquistas só será conseguida se asseguradas pela nova Constituição.

□ **O Direito da Mulher na Nova Constituição**. Iredy Cardoso e José M. Cardozo. São Paulo, Global, 1986. O livro tem por objetivo discutir de forma acessível "às pessoas comuns do povo" o atual processo constituinte. Divide-se em duas partes: a primeira, *A Constituinte e a transformação da sociedade brasileira*, foi escrita pelo professor de Filosofia da PUC/SP e a segunda, *As mulheres, a Constituinte e a transformação da sociedade brasileira*, pela candidata.

□ **Feminismo: O Ponto de Vista Marxista**, Zuleika Alambert, SP, Editora Nobel, 1986. Dividido em 12 capítulos, a autora pretende fazer um resgate crítico das contribuições dos pensamentos marxista e feminista, com o objetivo de derrubar os preconceitos que circulam nos mais diversos níveis da ideologia dominante, abrindo, assim, um novo e criativo caminho na luta da libertação da mulher.

## PUBLICAÇÕES

□ **Cadernos de Psicologia**, segundo volume, publicação do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Traz o artigo de S. Damião Alves, M. Lucia Afonso Medeiros e Karim Ellen von Smigay "A Delegacia de Costumes e os costumes da Delegacia", que reproduz trechos do diário de campo escrito durante pesquisa realizada pelos autores, integrantes do SOS Mulher de Belo Horizonte. Chama a atenção para a ideologia machista que permeia a instituição policial e para a dupla violência que as mulheres sofrem quando a ela devem recorrer. Em "A Inveja do Utero", Paulo Cesar de Carvalho Ribeiro faz uma crítica da teoria da feminilidade de Freud e relaciona a questão da maternidade à busca da autotranscendência e da negação da morte.

□ **A participação política da mulher no Recife: eleições de 1982**. De Constança Pereira de Sá, editado em *Trabalho para discussão* n.º 18, da Fundação Joaquim Nabuco.

Embora o contingente eleitoral feminino venha aumentando em considerável proporção, a análise dos dados obtidos em survey realizado durante as quatro semanas que antecederam as eleições de 15 de Novembro de 82 não indica uma diferenciação significativa por sexo quanto à participação política. Tanto homens como mulheres são opositores, porém têm pouco ou nenhum interesse por política — que consideram assunto complicado. Não participam da ação política, não vão a comícios e somente tomam conhecimento dos candidatos através da propaganda eleitoral no rádio e na televisão.

## OS DIREITOS DA MULHER



□ **Empregada Doméstica**. Rosiska Darcy de Oliveira e Leila Linhares Barsted; desenhos de Miguel Paiva. O Instituto de Ação Cultural (IDAC) dando continuidade ao seu calendário da publicação sobre os *Direitos da Mulher* edita este volume 2 sobre os direitos das empregadas domésticas. "No Brasil cerca de 3 milhões de mulheres são empregadas domésticas. Esse trabalho não é respeitado nem valorizado pelos patrões, pelo Estado e nem pelos próprios empregados." Este livro, distribuído gratuitamente pelo IDAC (Rua Visconde de Pirajá, 550, salas 1.404 e 1.405, 22.410, Rio de Janeiro, RJ) apresenta de forma bem-humorada o cotidiano da doméstica, suas principais reivindicações e a melhor maneira para organização da classe. No final, a lista de endereços da Associação das Empregadas Domésticas nos vários Estados.



□ **Cadernos Negros** é uma publicação independente que vem, há 8 anos, divulgando poesia e contos dos escri-

tores negros de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Sul. Este número 9 é de poesia e conta com 20 autores. A destacar Miriam Alves: "Arregeço o ventre/corcuveio no ar/gemo/Você?/tira o meu último véu".

□ **A Chave - Jornal das Reeduandas**, n.º 3/agosto 86, Penitenciária Feminina de Tremembé, SP. A reeducanda Sheyla D'heskythan, no artigo "Jornal é Cultura", agradece em nome de todas à Diretoria da Penitenciária o atendimento de uma antiga reivindicação: a permissão para que possam assistir o Jornal Nacional, da TV Globo.

□ **Caderno da Menopausa**, SOF - Serviço de Orientação da Família -, R. Engenheiro Tomas Whately, 204, Santo Amaro, SP, fone 521-9822.

□ **ChanacomChana**, (n.º 10, junho/set. 1986), GALF - Grupo de Ação Lésbica Feminista -, Caixa Postal 62.618, SP. Ressaltamos o artigo "Homossexualidade nas Leis".

□ **Mulher em Vida** (n.º 3, julho 86), Organização das Mulheres Autônomas, R. Ribeiro de Lima, 344, sobreloja, SP, fone 228-7683.

□ **Quehaceres**, n.º 9/setembro, Centro de Investigação para la Acción Feminina, CIPAF, em colaboração com a Editora El Nuevo Diario, Benigno Filomeno Rojas, n.º 307, Santo Domingo, D.N., Santo Domingo, fone 533-7712. A matéria da capa, "Las mujeres decimos: Nicaragua debe sobrevivir", ressalta o papel imprescindível que a mulher tem na conquista dos direitos humanos da sociedade nicaraguense.

## NÚCLEOS

□ **Grupo Informal de Estudos da Mulher**. Em Recife, pesquisadores da Fundação Joaquim Nabuco interessados na questão da mulher, constatando a carência de estudos teóricos sobre o assunto no Nordeste, organizaram o GIEM. O grupo se propõe a incentivar a realização de projetos de pesquisa sobre temas relevantes para o melhor conhecimento da condição feminina; criar uma área de documentação específica reunindo publicações nacionais e estrangeiras; realizar quinzenalmente seminários internos sobre as pesquisas em andamento; organizar seminários abertos ao público focalizando a situação atual da mulher; divulgar os resultados das pesquisas da Fundação Joaquim Nabuco por meio de publicações.

Atualmente desenvolve uma pesquisa sobre Ideologia e Violência — os mecanismos explícitos e implícitos da violência urbana e rural contra a mulher. São integrantes do GIEM: Helena Marques (Educação); Isaura Rufino e Ligia Albuquerque (Força de Trabalho Rural); Lúcia Pontual (Violência); Helenilda Cavalcanti (Setor Informal Urbano); e Fátima Quintas (Ideologia).

Fundação Joaquim Nabuco, Rua Dois Irmãos, 92, Recife, PE, tel. (081) 268-4611.

□ **Acaba de ser criado o Grupo de Estudos e Pesquisa da Mulher (GEP-EM)** na Universidade Federal de

Pernambuco. O grupo reúne professores das áreas de Antropologia, Ciência Política, Psicologia e Sociologia. Para maiores informações entrar em contato com Salette Marinho, no Mestrado de Sociologia. Tel. (081) 268-7487.

□ **O Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher da Universidade Federal de Minas Gerais** está lançando o primeiro número de seus cadernos dedicado à Mulher e Constituinte. Organizado por Misabel de Abreu Machado Derzi, sintetiza as posições surgidas em debate organizado pelo Núcleo durante a semana da mulher, em maio de 1985, do qual participaram Sandra Starling, Silvia Pimentel e Rodrigo Cunha Pereira. A publicação não contém sugestões de conteúdo para a nova Constituição mas enfatiza a importância de uma ampla participação feminina na Constituinte.

O endereço para solicitação do Caderno é Biblioteca Central da UFMG, 4.º andar, Av. Antônio Carlos, 6.627, Pampulha, Caixa Postal 161, 31.270, Belo Horizonte, MG.

□ **O Núcleo de Estudos Feministas**, do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos do programa de pós-graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, iniciou este ano suas atividades sob a coordenação de Heloisa Buarque de Hollanda.

O Núcleo se dedica especialmente à produção cultural de mulheres — filmes, literatura, teatro, artes visuais, vídeo, música — assim como estudos teóricos de estética feminista.

No momento, há o curso de graduação e pós-graduação sobre o cinema feminino brasileiro, com exibição e discussão de filmes, além de ter promovido palestras com especialistas como Irene Mathews (professora da UCLA/Davis), sobre a situação dos estudos de mulher nas universidades americanas; Regina Andrade (psicanalista e professora da Universidade Santa Ursula), sobre a teoria lacaniana e a mulher; Ana Pessoa, sobre a história do cinema de mulher no Brasil. A próxima palestra será do Prof. João Luiz Vieira, sobre "Mulher e olhar no cinema: versões conflitantes".

O Núcleo solicita intercâmbio e permuta de documentação sobre o assunto. Informações com Ilce Cavalcanti, Biblioteca da Escola de Comunicação, UFRJ, Av. Pasteur, 250, 22.290, Urca, Rio de Janeiro.





# COZINHA

## IBGE pesquisa contracepção

Este ano, o IBGE inclui vinte questões sobre métodos anticoncepcionais em sua Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), realizada anualmente. A elaboração da pesquisa conta com a assessoria da demógrafa e pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), Elza Berquó. As questões giram em torno dos métodos mais usados - onde são adquiridos, onde se obteve sua recomendação, onde as mulheres foram esterilizadas (se foram) e por quê. Entre os métodos anticoncepcionais apresentados como opção na pesquisa figuram a pílula, o DIU, o diafragma, espermicida, preservativo, interrupção do ato sexual, abstinência, tabela, billings ou muco vaginal, "outros".

Foram contratados 110 mulheres entre as 600 pessoas que trabalharão na pesquisa, já que muitos se recusam a colaborar se esta não for feita por alguém do sexo feminino. No Nordeste, por exemplo, os maridos impedem que suas mulheres respondam as questões e teimam em falar por elas, conforme foi constatado no pré-teste feito no Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Norte.

Através desse trabalho, pretende-se fiscalizar clínicas clandestinas de esterilização ou de distribuição de contraceptivos, muitas delas, segundo Carmen Barroso (em matéria publicada, pela Folha de S. Paulo em 3/10/86), subsidiadas por capital estrangeiro. Os primeiros resultados, no entanto, só começam a chegar em março. Espera-se também que o governo não mais se aproveite da ambigüidade do Código Penal - que propicia situações de semiclandestinidade - no que diz respeito à contracepção e pare de estimular e praticar a esterilização em seus próprios hospitais. Inclusive através do Inamps.



A questão é: como controlar a qualidade do usuário deste tipo de equipamento?

Paulo Caruso

## Repensando a manipulação genética

Jacques Testard, biólogo francês conhecido como o pai do bebê de proveta em seu país, anunciou recentemente sua intenção de deixar, por razões éticas, algumas das pesquisas genéticas que vinha realizando, até então, como aquela para determinar o sexo de um embrião congelado.

As pesquisas de Testard iniciaram-se há mais de 15 anos. Transplantava embriões de bezerras obtidos de pais de grande qualidade genética em úteros de vacas comuns. Em 1977 iniciou pesquisas de fertilização humana in vitro no hospital Bécclère (França), de onde saiu, em fevereiro de 1982, o primeiro bebê de proveta, a menina Amandine. Esta experiência, Testard relatou em seu livro *De l'éprouvette au bébé spectacle*, publicado em 1984 na Bélgica pela coleção *Le Genre Humain* (Editions Complexe).

Foi o próprio Testard quem alertou a opinião pública francesa sobre as novas técnicas de fecundação e sobre os limites da investigação genética. A rapidez com que estão ocorrendo novas descobertas e a falta de reflexão sobre o assunto nos meios científicos e de outros setores da sociedade inquietam o biólogo. A preocupação de Testard não se deve à pers-



pectiva dos abortos ocorridos em proveta nem à possibilidade de que ocorra um desequilíbrio entre o número de homens e mulheres no mundo, mas à possibilidade de que os biólogos cheguem a preparar embriões com certos requisitos como cor de pele, altura etc.

Testard continua no entanto partidário da fecundação in vitro, que permite a casais estérteis terem filhos, e de um certo número de manipulações que ajudem a suprir doenças genéticas ou malformação de feto. Porém, deverá parar com aquelas que possam levar a uma mudança, em laboratório, das características genéticas do embrião.

ASSINE

## MULHERIO

Um Especializado de Cultura Sobre Mulheres  
Dê Mulherio de Presente - Promoção de Natal

Na compra de duas ou mais assinaturas  
você receberá um livro de presente:

### VIVÊNCIA

história, sexualidade e imagens femininas

Vivência - História, Sexualidade e Imagens Femininas  
Fundação Carlos Chagas  
Organização - Maria Cristina A. Bruschini - Fulvia Rosenberg

Editora Brasiliense - 288 pg. - 1980

Mulher Brasileira - Trabalho, Direito, Educação, Arte e Meios de Comunicação  
Bibliografia Anotada - Vol. II  
Fundação Carlos Chagas

Editora Brasiliense - 395 pg. - 1981



Para ENVIO do livro:

Nome \_\_\_\_\_

End. \_\_\_\_\_

Cep. \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_

R. Cunha Gago, 704 CEP 05421 São Paulo - SP

## ASSINATURA DO MULHERIO

Nome Completo: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cep: \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_

Data Nascimento \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_ DDD: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Envie cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura anual correspondente a 6 n.ºs do jornal.  
Cz\$ 60,00  Exterior Via Aérea US\$ 24

## ASSINATURA DO MULHERIO

Nome Completo: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cep: \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_

Data Nascimento \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_ DDD: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Envie Cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura anual correspondente a 6 n.ºs do jornal.  
Cz\$ 60,00  Exterior Via Aérea US\$ 24

## O Negro nos meios de comunicação

É como a história da galinha e do ovo. Ou será que o Instituto Brasileiro de Apoio Comunitário de São Paulo (IBEAC) quebrou o "ovo de Colombo" para as agências de publicidade?

A revista *Afinal* de 23/9/86 traz a foto de uma mulher na capa e chama para uma matéria de oito páginas sobre a discriminação da mulher negra nos meios de comunicação — e olhem, discriminação de modelos lindas e maravilhosas; a revista *Cláudia*, de setembro também, estampa uma mulher negra com roupa de classe média, igualzinha àquela que a gente compra de presente de aniversário para a irmã mais careta; e nossas casas, ultimamente, são invadidas pela imagem de uma negra preocupada com a perda do afeto do marido (negro já tem família!), na propaganda de TV da revista *Criativa*, em horário nobre e no Globo.

Assim, não mais que de repente os meios de comunicação descobriram o negro — ou o negro brigou por esse

espaço? Será que esses já não são os primeiros reflexos dos debates promovidos pelo IBEAC?

Iniciado a 24 de junho com o primeiro debate setorial sobre "O Negro na Publicidade e Propaganda", seguido por "O Negro no Rádio, Televisão e Cinema" e na "Imprensa Escrita e Literatura", o ciclo porém já vinha sendo preparado há alguns meses.

Segundo Vera Lúcia Benedito, do Conselho Estadual da Condição Feminina, e Vera Marques, do IBEAC, ambas integrantes da comissão organizadora do evento, a primeira providência foi levantar os profissionais que participariam dos debates em cada área: diretores de marketing, donos de agências de publicidade, diretores de jornais, de emissoras de rádio e televisão, entre outros. E a declaração da maior parte deles era: "Eu nunca tinha pensado nesse problema."

As organizadoras apontam como consequência direta dos debates a iniciativa de Denis Giacometti, da Giaco-

metti e Guimarães Publicidade, em realizar uma pesquisa para avaliar o perfil do consumidor negro com três grupos de pessoas, de faixas etárias diferentes; de Fátima Jordão, coordenadora de pesquisa do Estado, de introduzir o item cor nas pesquisas do IBOPE; o convite do CONAR (Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária) para que a questão do negro e os meios de comunicação seja exposta em sua próxima reunião; e a proposta da Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado, de incluir em sua pauta de discussões a questão do negro.

Se a resposta do meio de publicidade e propaganda parece ter sido tão imediata, esperamos que os outros setores envolvidos no encontro — sobretudo aqueles ligados à Educação — se manifestem também com prontidão, senão "periga" das revistas de moda se tornarem os novos apóstolos do mito da demagogia racial brasileira.



*Comissão Especial de luta contra todas as formas de discriminação* — primeiro órgão dessa natureza dentro de um aparelho de Estado.

A Comissão — que poderá atuar de várias formas, exercendo vigilância sobre o ma-

sas etc.

tem o objetivo de promover reflexões e debates sobre todas as formas de discriminação, apontando-as e denunciando-as, e propor estratégias para sua superação.

## A carne é forte

Durante a greve dos portuários de Santos, a revelação mais importante passou quase despercebida, ou intencionalmente escondida pela imprensa: só falavam na tal carne que veio da França, que não podia ser descarregada por causa da greve. Enquanto isso, entre os produtos que estavam para ser colocados nos navios que se destinavam ao exterior, sabem, o que tinha? Carne! Isso mesmo. Carne, essa raridade.

Com um detalhe: a carne que esperava o descarregamento para a gente comer era com osso e tinha uns dez anos de congelador, era suspeita e aparentemente tinha o poder de se evaporar, pois não conheço ninguém que tenha visto um pouco dela por aí. Já a carne que estava indo daqui para fora era muito boa: desossada, capaz de passar em qualquer exame sanitário (coisa dispensável quando se trata dos velhos/novos republicanos enfiarem algo pela nossa goela abaixo). Ouvi dizer que a carne exportada era filé mignon. Não sei se era mesmo, mas acho que maminha não podia ser: onde tem muita gente mamando é aqui mesmo, e não lá fora.

## Remédio mais fajuto

Num posto de saúde de um subúrbio de Belém, os doentes saem com uma receita muito diferente das tradicionais. Além dos remédios comuns, há também a recomendação — na receita, vejam bem — de votar nos candidatos do PMDB. Dizem que todo remédio bom tem gosto ruim, mas esse, Deus me livre, além de ser muito ruim (o PMDB paraense apóia, por exemplo, Jarbas Passarinho para senador), já provou que não funciona. O Brasil tomou o tal remédio PMDB na maioria dos Estados em 1982 e a doença do autoritarismo, da corrupção e das sacanagens continuou. Tomou o PMDB federal em 1985 e não resolveu nada. Contrairmos foi uma sarneite que nada mais é que um resquício da arenite, da figueiridite, da garraçazuíte e outras doenças que vêm atacando os pobres desde 1964. Isso não é remédio, é veneno. O remédio que está sobrando e pouca gente toma é outro: vergonha.

M.B.

## Brasileiro é tão Bonzinho ...



Antonio Mello Campos

Depois do leite de Chernobyl, importado para introduzir um pouco de câncer ósseo nas crianças brasileiras, que assim têm mais uma opção de morte além da desnutrição e outros probleminhas do tipo, chegou a vez dos adultos — já morrendo de inveja das crianças — terem alguma coisa carregada de radiação atômica para comer, se contaminar e ter uma morte digna do século XX. Vem aí o salmão atômico, um luxo.

Como no caso do leite, os europeus estão doídos para mandar para algum estômago subdesenvolvido um estoque de salmões impregnados da radioatividade liberada pelo acidente de Chernobyl. Como o governo brasileiro está aí para colaborar, permitiu a troca, feita por uma empresa carioca, de seis toneladas de salmões cancerígenos da Noruega por 80 (veja só: 80 em troca de seis) toneladas de peixe fresco e crustáceos brasileiros. Feliz câncer para você.

Ah, lembrei agora: será que a primeira-ministra está sabendo disso?

M.B.

## É uma bomba!

Fernando Gabeira, candidato ao governo do Rio, e Carlos Minc, coordenador da Assembléia Permanente de Defesa do Meio Ambiente, entraram com uma ação cautelar na Justiça Federal pedindo a investigação das condições de segurança de Angra 1. Minc apresentou ainda uma ação popular pedindo a paralisação das obras de Angra 2 e 3.

Não é para menos. Já teve vazamento de água radiativa em Angra 1 e ninguém pode dizer que aquilo lá não seja um futuro Chernobyl. Ainda por cima, além da insegurança que a usina provoca, o órgão que a fiscaliza, a Comissão Nacional de Energia Nu-

clear (CNEN), dá mostras de que precisa é ser fiscalizado. Segundo denúncias de sua associação de empregados, desde 1982 morreram seis pessoas de câncer devido à exposição à radioatividade no Instituto de Energia Nuclear, na Ilha do Governador (RJ), e muitos outros funcionários correm o risco de contaminação.

Mas, há poucas possibilidades de que esses candidatos "verdes" consigam alguma coisa. Outros "verdes" gostam muito de usinas nucleares, bombas atômicas e tudo o que represente perigo (para nós). E eles ainda mandam muito aqui, os "verdes-oliva".

M.B.

saúde não tem distância.

CHERNOMILK®

SPACCA - Folha de S. Paulo, 9/10/1986

INDÚSTRIA BRASILEIRA

# ANIMAES SELVAGENS... ANIMAES DOMESTICOS...



Ella, envelhecida precocemente pelo serviço domestico exhaustivo, conservando traços fortes de belleza andaluza.

Elle, *homem commum*, vulgarissimo, os seus quasi 50 annos, bem mais conservado. Brasileiro. Funcionario publico, vida pacata, normal, um joguinho de vez em quando, gastando o seu e o labor da pobre senhora, dona de uma pensão immensa, trabalhosissima. Ella trouxera bastante dinheiro, muita belleza, muita saude, reserva de seiva, juventude prometedora.

Elle soube explorar, bem, tudo isso.

Mulher rude, cheia de vitalidade e ambição, quiz trabalhar: foi a sua desgraça...

Não são casados.

Uniram-se ha quasi 20 annos ou ha mais de 20 annos, por amor.

Elle aproveitou-se admiravelmente da sua capacidade physica e da sua vontade ambiciosa de augmentar o peculio.

Montou-lhe a pensão. Uma pensão enorme, pesada, em um casarão que não se acaba mais. Com o dinheiro della...

E continuou funcionario publico.

Alto funcionario. Optimo ordenado. Joga tudo. E vae buscar mais com a dona da pensão. A pensão é delle. Ella trabalha. Entrou com o capital. Mas a união de tantos annos lhe conferiu direitos... E não abrirá mão disso...

Ella é cozinheira, copeira, é lavadeira, é arrumadeira, attende ao telephone e sobe e desce escadas para

prevenir aos inquilinos de que o telephone os espera; dá recados, fiscaliza tudo, cada dia uma cousa, segundo as circunstancias do momento.

Uma enjaulada dentro do casarão escuro, no centro da cidade.

Elle, hoje, tem outra amante. Mais moça, chic, gasta-lhe o dinheiro que traz da pensão. E mais intelligente, e tem um predico unico, acima de tudo: é franceza...

Tendo novos amores, já se sabe, maltrata a velha companheira.

De nada valeu o esfalfamento da linda hespanhola. De nada valeu o seu esforço de todos os dias, nada adeantou o sacrificio de toda a sua mocidade — para lhe encher os bolsos de dinheiro, enquanto se estragava ella no serviço grosseiro e pesado de dona e criada de pensão.

Ele está, de ha muito, cansado,

farto, louco para se ver livre daquele peso morto...

Conversando com um amigo, que a conhece e lastima a sorte da pobre senhora, confirmou:

— Estou em ansias para deixal-a. É uma "burra"!

É é mesmo. É animal de tiro.

Ella está vendo a desgraça de perto. Já não sabe o que fazer. Não comprehende que pode vender a pensão. Não sabe como. Não quer. Não encontra solução. Só sabe ser animal de tiro.

Um dia destes, tiveram outra contenda, brigaram seriamente, foi o que os casados, já muito habituados a isso, denominam um authentic "arranca-rabos"...

É forte... mas, exprime bem, não é? leitor amigo; você também, de certo, é casado... Não? Então... um dia saberá.

Afinal, repetiu elle a sua palavra de ordem:

— Você é uma burra!

Burra vae, burra vem, de repente ella arregala os olhos negros, immensos e lhe pede humildemente:

— Juega al bicho para mi! Juega al burro, si?

Elle virou as costas, enfadado, apatetado deante do imprevisto, bateu a porta, gritando:

— É mesmo uma burra!

Sahiu.

Ella correu, despachou immediatamente uma empregada com todas as instruções para jogar no burro.

E ganhou!...

Maria Lacerda de Moura



Maria Lacerda de Moura (1887-1945), livre-pensadora mineira, escreveu na imprensa anarquista nos anos 20, criticou o movimento sufragista e denunciou a penetração do fascismo nos periódicos brasileiros. Era partidária da não-violência e da destruição do capitalismo industrialista pela resistência pacífica. Escreveu vários livros defendendo o amor livre, o pacifismo e sobre educação (ver o livro de Miriam Moreira Leite, *Caminhos de Maria Lacerda de Moura: Contribuição à história do feminismo no Brasil*).